



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**LEONARDO DE LARA CARDOSO**

**O LIVRO DA CIDADE DAS DAMAS: Utopia para as Mulheres?**

**Florianópolis  
2016**

LEONARDO DE LARA CARDOSO

**O LIVRO DA CIDADE DAS DAMAS: Utopia para as Mulheres?**

Trabalho de conclusão de curso submetido ao Curso de História da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito obrigatório do grau de Bacharel e Licenciado em História.

**Orientadora: Profa. Dra. Aline Dias da Silveira**

Florianópolis  
2016



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
COLEGIADO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

ATA DE DEFESA DE TCC

Aos dois dias do mês de dezembro do ano de dois mil e dezesseis, às nove horas, na Sala 901 do Ático da Reitoria II – Universidade Federal de Santa Catarina, reuniu-se a Banca Examinadora composta pela Professora **Aline Dias da Silveira**, Orientadora e Presidente, a Professora **Silvia Regina Liebel**, Titular da Banca, e o Professor **Daniel Lula Costa**, Suplente, designados pela Portaria nº44/HST/16 da Senhora Chefe do Departamento de História, a fim de arguirm o Trabalho de Conclusão de Curso do acadêmico **Leonardo de Lara Cardoso**, subordinado ao título: “O LIVRO DA CIDADE DAS DAMAS: Utopia para as Mulheres?”. Aberta a Sessão pela Senhora Presidente, o acadêmico expôs o seu trabalho. Terminada a exposição dentro do tempo regulamentar, o mesmo foi arguido pelos membros da Banca Examinadora e, em seguida, prestou os esclarecimentos necessários. Após, foram atribuídas notas, tendo o candidato recebido da Professora **Aline Dias da Silveira**, a nota final 9, da Professora **Silvia Regina Liebel**, a nota final 9, e do Professor **Daniel Lula Costa**, a nota final 9; sendo aprovado com a nota final 9. O acadêmico deverá entregar o Trabalho de Conclusão de Curso em sua forma definitiva em versão digital, ao Departamento de História, até o dia nove do mês de dezembro de dois mil e dezesseis. Nada mais havendo a tratar, a presente ata será assinada pelos membros da Banca Examinadora e pelo candidato.

Florianópolis, 2 de dezembro de 2016.

Banca Examinadora:

Prof.a **Aline Dias da Silveira** .....

*Aline Dias da Silveira*

Prof.a **Silvia Regina Liebel**.....

*Silvia Regina Liebel*

Prof. **Daniel Lula Costa**.....

*Daniel Lula Costa*

Candidato **Leonardo de Lara Cardoso**.....

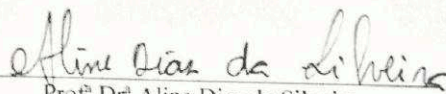
*Leonardo de Lara Cardoso*



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
**DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**  
Campus Universitário Trindade  
CEP 88.040-900 Florianópolis Santa Catarina  
FONE (048) 3721-9249 - FAX: (048) 3721-9359

Atesto que o acadêmico **Leonardo de Lara Cardoso**, matrícula n.º12201562, entregou a versão final de seu TCC cujo título é **O LIVRO DA CIDADE DAS DAMAS: Utopia para as Mulheres?**, com as devidas correções sugeridas pela banca de defesa.

Florianópolis, 08 de dezembro de 2016.

  
Profª Drª Aline Dias da Silveira  
Orientadora

À minha amada Madrinha, Rosa de Lara Cardoso,  
Quem me ensinou que educar é respeitar.  
*(in memoriam)*

[...] E quando eu tiver saído  
Para fora do teu círculo  
Tempo, tempo, tempo, tempo  
Não serei nem terás sido  
Tempo, tempo, tempo, tempo  
Ainda assim acredito  
Ser possível reunirmo-nos  
Tempo, tempo, tempo, tempo  
Num outro nível de vínculo  
Tempo, tempo, tempo, tempo [...]

Oração ao Tempo  
Caetano Veloso

## AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer de estar triste. Exatamente. Profundamente triste. Mas se estou triste posso afirmar que é porque fui feliz. Excessivamente feliz. Foram quatro anos e meio. E arriscaria dizer que foram os quatro anos e meio mais felizes da minha curta existência nesse mundo. Mundo assustadoramente antigo. Mundo que tão pouco sabemos. Preciso dizer que diversas pessoas são responsáveis pela minha tristeza. Vou aqui tentar mencionar algumas delas, mas sei que não tenho a capacidade de falar de todas... Bom, vamos lá.

Madrinha. Rosa. Dona Rosa. Minha avó. Nasci no seu dia. A Deusa Fortuna me colocou ao seu lado antes mesmo de me compreender enquanto gente. Tristeza profunda. A maior de todas em meu coração. Imensurável é minha gratidão. Por todo o apoio inquestionável, irrestrito e incontestável que me destes. Pelo amor incondicional e inabalável que encontro em você. Por tudo que me fez aprender. Por toda a alegria que trouxe a minha vida. Por todos os sonhos que tornou realidade. Por nunca ter me deixado cair. Você foi minha força, quando eu estive fraco. Você sempre enxergou o melhor que havia em mim. Ergueu-me quando eu não conseguia alcançar. Você me deu fé, porque você acreditou em mim. Você me deu asas e me fez voar. Você tocou minha mão e eu pude tocar o céu. Você me fez acreditar que estrela nenhuma estava fora de alcance. Você sempre esteve lá por mim. És como uma luz no escuro, brilhando seu amor em minha vida. Você tem sido minha inspiração. Em meio a mentiras, você foi a verdade. Meu mundo é um lugar melhor por sua causa. Eu fui abençoado e sou tudo o que sou, porque você me amou.

Renan. Encontrei-te no meio desse caminho. Estava de passagem, sem direção. Quase que me perco. Nessa passagem estou agora seguro. Firme. Você é responsável por parte dessa tristeza, porque sem você aqui, ao meu lado, garantindo minha saúde mental (e física rs), eu não teria a auto confiança que tenho hoje. Por isso sempre me lembrarei dos nossos primeiros encontros com saudade. AMO. Sim amo. Mas essa palavra é pouco para expressar o que sinto. Ela, eu já te digo todos os dias, às vezes mais de uma vez, sempre que posso. Quero suprir a falta de conhecimento que temos sobre o mundo contigo. Aprender, aprender e aprender. Dormir, tomar café, almoçar, (tentar) correr. Ter sempre os vários debates, dos mais variados temas, que permeiam as Relações Internacionais e a História. Que não falem interessantes temas para esses nossos debates e que sempre tenhamos diferentes pontos de vistas, para que assim

somemos juntos. Somemos um ao outros, sempre, sempre e sempre mais. Envelheçamos juntos, sempre juntos. Para todo o sempre.

Mãe. Manhê. Ô mãe! Sinto tristeza por nossos momentos. Não temos a história padrão “Margarina Dorian”, mas como você sempre disse, nossa história daria um filme. Eu diria um livro. Entre nossos altos e baixos, você sempre foi minha amiga. Sempre me senti livre para te contar as coisas, porque eu sabia que você iria me entender. Quero que sempre me entenda. Quero que seja minha amiga para sempre. Inúmeras vezes senti que nossos papéis estavam invertidos. Quando todos dizem que queriam comer a comida da mamãe. Eu dizia; Minha mãe é quem gosta de comer a minha comida. Mas aquela carne de panela, heim?!? Aí sim! Quem pode dizer que já foi para a balada com a própria mãe e as pessoas nem achavam que tinha idade pra ser minha mãe? Eu posso. Sinto tristeza pelos momentos de alegria com a Vó Nilza, com o vô Mocotó. Sinto falta da Mana, a maninha me chamando. Ainda que seja de chato. Não temos controle completo com o que acontece em nossas vidas. Hoje eu entendo muito bem isso. Por isso sinto o mais sincero e profundo amor por você. Ainda não fale sempre. Não sou o melhor em expressar meus sentimentos verbalmente. Te amo muito mãe.

Pai. Sinto tristeza das vezes que o pai chegava à madrinha e eu ia correndo até o portão e pulava no seu colo. Toda vez! Sabia que toda a vez que eu os vejo chegando pelo portão da frente da casa, eu me lembro disso? Quantas conversas heim? Sempre aprendo muito, em todas as vezes que nos encontramos e conversamos. Mas sempre discordamos, sempre. Fazer o que? Somos diferentes. Um abismo às vezes nos separa. Hoje eu sei, que do seu jeito, você acredita estar fazendo o melhor pra mim. Mas erros são experiências. Quando seguimos apenas pelos caminhos que nos dizem serem os certos, a única experiência que temos é a dos outros, não a nossa. Há beleza nas imperfeições. São com as gripes que ganhamos resistência. Só através dos erros é que criamos alternativas para o sucesso. Nem sempre deixar de seguir em um “caminho correto” é necessariamente ir por um errado. Mas quem (da minha idade) pode dizer que tem um pai que sabe jogar vídeo game super bem? Mesmo *Prince of Persia* em computador 486? Talvez não pareça, ou eu não tenha falado, mas me espelho muito em você, pai. Sua capacidade em aprender as coisas por você mesmo, sempre me fez querer correr atrás e aprender o que me interessava. Sem me satisfazer com um “não sei fazer isso, ou aquilo”. Sua vontade de ler, sempre fez querer ler e aprender mais. Você é um grande exemplo pra mim. Sinto tristeza de nossos momentos felizes, com a Rose, com o



Lucas e o Rafael. Sinto tristeza por ter estes momentos felizes e querer ter mais momentos como estes.

Gabi. Minha *Faux Queen* favorita! Amiga, irmã, conselheira e confidente. BRUXA! Porque quando o dia de trabalho termina, as garotas só querem se divertir. AAAH se eu pudesse voltar no tempo! Mas afinal, você descobriu se existe vida depois do amor? Porque eu sempre quis ver as tuas verdadeiras cores e você as minhas. Tudo que queremos é ser livres! Gabi, você sabe o quanto é especial pra mim, não podemos passar um ano sem se ver. Jamais. Nem um mês sem se falar. Sei que posso contar contigo e você sabe que pode contar comigo. Ontem, hoje e sempre. Sem deixar de fora sua mãe, Rosana, Ricardo e o Luiz, que sempre estiveram lá, quando eu precisava respirar a mente, era pra lá que eu ia. Muito obrigado.

Sem família eu seria outra pessoa. Quero agradecer aqui a todos os meus tios e primos e todas as minhas tias e primas. Sejam eles e elas de primeiro, segundo ou terceiro grau. E tá vindo mais grau por aí né Maria Eduarda? Em especial gostaria de agradecer a Tia Goreti, quem literalmente me ajudou a sair de dentro da minha mãe. Esteve comigo em momentos de transições e descobertas. Principalmente a descoberta da homossexualidade. Acredito que esse momento tenha sido tão complexo e inovador para mim quanto foi para ela. A tia Beatriz, a tia Beta, quem eu aprendi, ano após ano a compreender cada vez mais e quanto mais compreendia, mais aprendia a ama-la. Se eu tiver um pouco da força e da perseverança dela para conquistar meus sonhos, como ela conquistou os dela, eu sei que serei uma pessoa melhor e feliz. Muito obrigado Tia Cininha, quem acreditou sempre em mim e na carreira de historiador (a) e me deu apoio, inclusive me dando livros maravilhosos, e minha biblioteca cresce! A todas e todos sou muito grato, mas não posso deixar de agradecer especialmente aos meus queridos tios Edson e Alessandra (Ale), quem me ajudaram a ser quem sou hoje. Muito obrigado por terem me ouvido. ...e como ouviram! Ajudaram a enxugar tantas e tantas lágrimas, desapontamentos. Mas acima de tudo, sempre me fizeram ver quem eu era realmente. Ensinar-me a ter dignidade e a respeitar os outros. Ensinar-me a me valorizar independente do que os outros falassem sobre mim. Graças a vocês eu sei quem EU SOU! E não sou quem dizem que sou. Aprendi a deixar de lado pensamentos que não me fazem bem. Aprendi e ainda aprendo com você a desejar o bem àquele que me faz mal, independente de credo. Muito obrigado família.

Bruna, você me deixa triste. Carla você me deixa triste. Larissa, você me deixa triste. Stela você me deixa triste. Imensa tristeza eu sinto. Se eu pudesse começar de

novo. Não poupava estar na presença de vocês. Para que mais triste me sentisse hoje. Todos os trabalhos, todas as aulas. Todas as conversas no café. Todas as milhares e milhares de mensagens no *WhatsApp*. Todas as vezes que precisava da versão resumida da Stela, porque não conseguia acompanhar. Não conseguimos ficar sem conversar, nem mesmo por um dia. Sempre nos preocupamos entre si. Sempre que precisamos nossos ombros estão de prontidão. E não foram poucas vezes. Se precisássemos, um novo grupo no *Whats* era criado. Novo grupo pros aniversários. E quantas comemorações? As mais variadas... Presentes coletivos, sempre muito bem pensados. Livros, Dvds, maquiagem, roupas, ainda que ilegais... Tornemo-las legais. Porque legais somos sempre. Duplas pra sempre seremos Bruna. Contatos de primeiro grau sempre seremos Carla. Sempre riremos intensamente juntos Lari. Buscar-te-ei pros assuntos mais sensíveis de minha alma sempre Stela. Encontros. Quero mais encontros pra que mais triste eu fiquei lembrando e que para estacar o sofrimento eu tenha que encontrá-las novamente e novamente. Diogo e Andréia me deixam triste, por querer que tivessem passado mais tempo com a gente... E triste pelos ótimos momentos que compartilhamos. Mas estaremos ainda mais...

Thays Tonin. Quantos encontros em bares regados à boa cerveja, ou em casa, regados a conversas intermináveis que pareciam 5 minutos, quando foram 5 horas. Já tem que ir? Continuamos numa próxima. Intensa tristeza você me faz sentir senhorita Tonin. Imensa gratidão por essas horas pessoalmente e agora via Skype. Preciso ir até aí te visitar, pra que possamos realizamos nossos ritos de reconexão com o sagrado de tantos debates. Muita tristeza.

Aline Dias da Silveira. Um bar inesperado com direito a prova. Uma balada em uma noite cheia de surpresas embriagadas. Uma cantina, muito vinho, reafirmando uma tradição. Um bar gourmet pra não deixar de faltar. Esses foram os meus *Geburtstag* em que você não deixou de faltar. Nenhum deles. Só não estive presente quando estava do outro lado do atlântico. Aline você me deixa triste. Uma tristeza que me torna uma das pessoas mais sortudas do mundo em ser um “dos seus”. Profundamente agradecido eu me sinto por você estar presente em todos os momentos em que eu me perdia academicamente. Mas não apenas no trajeto dos livros, mas na vida. Estive lá como uma defensora fervorosa. Até mesmo de mim mesmo. Quando eu tentava me dar uma rasteira. Lá estava você pra me dizer o que eu precisava ouvir. Minha sacerdotisa, minha guia, minha mestra, minha mãe-acadêmica. Junto estendo meu agradecimento ao

Dirk, meu pai-acadêmico e a Morgana e ao Arthur, que compartilham você com o mundo acadêmico. Muito obrigado.

Tio Chico. O cara mais escroto do CFH e meu grande amigo. Paulo Pinheiro Machado, quem entre Introdução aos estudos históricos e algumas eleições da UFSC me ensinou muito. Sonia Maluf e Ana Maria Veiga, obrigado pelo apoio e ouvidos em diversos momentos. Rodrigo Bonaldo pelas ótimas conversas entre aulas e monitorias, e burritos mexicanos. Professora Cristina Wolff e Joana Maria Pedro, por me despertarem o interesse pelos estudos de gênero. Cristiane e Helena, pela excelência no atendimento aos estudantes. Roselane e Lúcia, por me dar esperança. Vanessa Pedro, por me mostrar que um novo modo de fazer as coisas. Rodrigo Ursinho e Potter, pelas risadas e ironias. Fabrício, por sempre me mostrar as contradições sociais e me fazer ver o mundo por um ângulo que sozinho eu jamais veria. Kall, Dani e Lari, pelas refeições no BBB (agora BV's). AlmiRay, por tudo que passamos no 531 e pelo apoio sempre. Obrigado Yve, pela rita!

Tiago, Dayse e Marcela, por me ajudarem a sobreviver ao Ensino Médio. Mel e Carol, por me ajudar a sobreviver à primeira tentativa de graduação. Camila Añez, por estar ao meu lado desde o dia da matrícula na segunda tentativa de graduação. Sergio e Isa, por me apresentarem o Movimento Estudantil da história e da UFSC. Panda e Candi, pelas risadas na República Revolucionária Frida Kahlo.

Um agradecimento especial aos calouros (desde 2013.2) do curso de história e a todas e todos que me aguentaram por cinco semestres quase consecutivos, só não fui monitor de medieval, quando cursei a 6ª fase. Dessa vez foi o Fabrício, quem fez um excelente trabalho. Mas um especial agradecimento a minha sucessora, Rafaella, a monitora de história medieval 2016.2, espero que nos encontremos no futuro pelo *Meridianum* e no meu futuro estágio de docência. Muito obrigado e boa sorte nesses próximos anos de estudos medievais.

Gostaria também de agradecer a Yasmin, quem conheci através do Renan, mas que tive maravilhosos debates sobre inúmeros temas. Muito obrigado pelas discussões sobre temas relacionados à academia e universidade quem tivemos e principalmente sobre América Latina. Também gostaria de agradecer pelas recentes conselhos acadêmicos da Jana. Sinto-me melhor quando percebo que somos capazes de transpor barreiras que a sociedade, de uma forma ou de outra, cria e somos ingenuamente atraídos a elas. Me dá uma sensação boa perceber que ultrapassamos um equívoco do passado e hoje podemos buscar construir uma amizade. Sem deixar de agradecer a

Raisa, com quem me esbarrei durante a graduação, quando tivemos alguns encontros e desencontros. Obrigado por acreditar em mim e saiba que eu já estive algumas vezes em situações que a vida me parecia ter me armado uma arapuca sem tamanho, mas a gente aprende com isso. Te garanto! Um agradecimento especial ao Spotify e a *playlist Intense Studying*, que mantiveram minha saúde mental com música clássica durante a longa escrita do TCC. Sem falar no agradecimento especial, pois sem ele esse TCC não existiria, obrigado sinonimos.com.br.

## RESUMO

O objetivo desta pesquisa é investigar a obra *A Cidade das Damas* (1405) de Christine de Pizan (1364-1430), verificando como a mesma pode ser percebida no pensamento utópico. Pode-se encontrar nos escritos desta escritora a “vontade de verdade”, conceito cunhado por Michel Foucault. Essa "vontade de verdade" surge como uma voz de resistência em oposição ao discurso sobre mulheres, presente nas bibliografias morais medievais. Ao analisar a obra, procura-se identificar quem são as moradoras e as Damas construtoras dessa Cidade. Além disso, busca-se compreender a forma como Pizan esteve inserida na *Querelle des Femmes* e como este movimento intelectual influenciou suas obras. Compreende-se as Damas como alegorias, com a função simbólica de construir uma morada para mulheres ilustres e de boa conduta. A partir da construção do tempo histórico na relação entre campo de experiências e horizonte de expectativa, de Koselleck, examina-se a Cidade das Damas como uma Utopia de Transição entre as versões utópicas clássicas e medievais e as versões modernas e posteriores.

## ABSTRACT

The objective of this research is to investigate the book *The City of Ladies* (1405) of Christine de Pizan (1364-1430?), analyzing how it can be understood within the utopian thought. One can find in the writings of Christine de Pizan the "will of truth", a concept coined by Michel Foucault. Such "will of truth" emerges as a voice of resistance in opposition to the regular speech against women which is present in the medieval moral bibliographies. When analyzing the work, it is sought to identify who are the residents and the Ladies that build the City. In addition, one seeks to understand in which way Pizan was involved in the *Querelle des Femmes* and how that intellectual movement influenced her works. The Ladies are understood as allegories with the symbolic function of building a residence for illustrious and well-behaved women. From the construction of historical time in relation to the field of experiences and the horizon of expectation of Koselleck, the City of the Ladies is examined as an Utopia of Transition between the classic and medieval utopian versions and the modern versions and after that.

**SUMÁRIO**

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>16</b>
<b>1. CHRISTINE DE PIZAN E AS MULHERES DO SÉCULO XIV .....</b>	<b>25</b>
1.1. A ordem e a “vontade de verdade” .....	25
1.2. Moradoras da cidade: Mulheres ou Damas? .....	35
1.3. As Virtudes Divinas: quando as Damas se apresentam.....	38
<b>2. QUERELLE DES FEMMES OU QUERELA DE CHRISTINE DE PIZAN? ....</b>	<b>44</b>
2.1. A tempestade: debate intelectual sobre mulheres nos séculos XIII-XV .....	44
2.2. <i>Persona Publica</i> : Publicidade como motor de sua atividade .....	50
2.3. As damas de Christine de Pizan (ou alegorias reveladas) .....	52
<b>3. A CIDADE DAS DAMAS: UMA TRANSIÇÃO UTÓPICA? .....</b>	<b>60</b>
3.1. Em busca da idealização: uma cidade no “tempo” .....	60
3.2. Entre experiências e expectativas: uma visão utópica.....	68
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>74</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>78</b>

## INTRODUÇÃO

Com o aumento dos estudos de gênero nas pesquisas historiográficas no Brasil é evidente um crescimento ainda maior da história das mulheres nas últimas décadas. Os estudos de Gênero e a história das mulheres, ainda que dialoguem, “partilham de perspectivas teóricas diversas para pensar a diferença sexual.”<sup>1</sup> Enquanto a história das mulheres, por vezes, reforça construções sociais, objetos e temáticas, consideradas naturais das mulheres, como casamento, família, maternidade, sexualidade, espaço privado ou atividades domésticas, os usos de gênero como categoria de análise buscam compreender nessas e em outras temáticas como se atribuiu à relação de poder entre masculino e feminino, para além destes. Com o objetivo de contribuir ao debate de gênero e aos estudos medievais, pretende-se compreender a respeito do contexto histórico-social de mulheres, leitoras e ouvintes<sup>1</sup>, na baixa Idade Média, entre os séculos XIV e XV no reino da França através da obra *A Cidade das Damas* (1405) escrita por Christine de Pizan e suas conexões com o pensamento utópico.

Os livros escritos por Christine de Pizan foram retomados para leitura e usados como fonte de pesquisa, principalmente, em meados das décadas de 1970 e 1980 na América do norte e Europa. Aqui no Brasil, esse movimento foi um pouco mais tardio, ocorrendo nas duas últimas décadas. Por consequência dos estudos serem recentes, há muito ainda a ser contemplado nesse campo de pesquisa. Seu livro tem relevância de pesquisa, principalmente, por se tratar de uma obra escrita por uma mulher, sobre mulheres e para um público alvo composto por mulheres. Sem esquecer que a tradutora da obra no Brasil também foi uma mulher. Por tudo isso, esta pesquisa justifica-se como importante para o preenchimento de lacunas e no estabelecimento de novas relações temporais, sociais e políticas nos estudos medievais e de gênero. Jane Chance afirma que recentemente estudiosos tem pesquisado e percebido a necessidade de realizar mais estudos sobre – o que a autora chama de – *literary subversion*.<sup>2</sup> Essa subversão literária é considerada por Chance, como um movimento por parte das mulheres escritoras do medievo; como Christine de Pizan, Maria de França, Isabel de Villena, entre outras, que criaram seus próprios espaços de escrita, se inserindo em uma tradição predominantemente masculina.

---

<sup>1</sup> DA SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão. Reflexões sobre o paradigma pós-moderno e os estudos históricos de gênero. **Brathair-Revista de Estudos Celtas e Germânicos**, v. 8, n. 2, 2008. p. 77.

<sup>2</sup> CHANCE, Jane. **The literary subversions of medieval women**. United State of America: Palgrave Macmillan, 2007. p. 8.



Ao imergir na obra de Christine de Pizan, verifica-se que há a construção de uma cidade que é concebida a partir de uma antologia de narrativas sobre mulheres desde a antiguidade até aquelas contemporâneas à Pizan. O livro é dividido em três partes; Livro Primeiro, composto por 48 capítulos, Livro Segundo, composto por 69 capítulos e Livro Terceiro, por sua vez composto por 19 capítulos. Com o total de 136 capítulos, Pizan apresenta os principais motivos que a levaram a escrever este livro, ainda no livro primeiro narra seu encontro com as três Damas alegóricas que a ajudarão na construção da Cidade das Damas; Dama Razão, Dama Retidão e Dama Justiça. De acordo com a tradutora da versão brasileira<sup>3</sup>, Luciana Deplagne, “a proposta de construção de uma cidade imaginária, ressalva na obra de Christine de Pizan, a acepção do termo Utopia enquanto busca de superação da marcha dos acontecimentos”<sup>4</sup> e partindo dessa perspectiva, desenvolveu-se a problemática principal dessa pesquisa.

Em concordância com Deplagne, a pesquisadora e professora Ildney de Fátima Souza Cavalcanti, que escreve o prefácio da tradução brasileira, aponta a obra de Pizan como “pensamento de caráter utópico” ao perceber “a esperança de um futuro idealizado”<sup>5</sup>. Ao considerar o papel da utopia no processo histórico, o historiador e filósofo alemão, Jörn Rüsen, diz que “a constituição do sentido da consciência humana, aplicada ao tempo, não se esgota na memória. Dão-se saltos *utópicos* para o futuro, que superam sempre o conteúdo factual do passado.”<sup>6</sup> Surge, então, a questão central desta pesquisa, se a obra de Christine de Pizan pode ou não pode ser considerada uma utopia, e se sim seria uma utopia para mulheres?

Outro elemento central que motivou o desenvolvimento da problemática está na forma da escrita de Christine de Pizan. Ao apontar suas inquietações com relação ao tratamento que diversos autores expressavam ao abordarem o tema “mulheres”, a autora cria um discurso paralelo ao tradicional, como é facilmente observado neste trecho: “Perguntava-me quais poderiam ser as causas e motivos que levaram tantos homens, clérigos e outros, a maldizer as mulheres e a condenar suas condutas em palavras, tratados e escritos”<sup>7</sup>. Percebe-se, neste trecho, as carências mencionadas por Rüsen, quando Pizan questiona-se sobre algo que permeou séculos de escrita, algo considerado

---

<sup>3</sup> PIZAN, Christine de. **A Cidade das Damas**; Tradução e apresentação DEPLAGNE, Luciana Eleonora de Freitas Calado – Florianópolis: Ed. Mulheres, 2012.

<sup>4</sup> Ibidem., p. 24.

<sup>5</sup> Ibidem., p. 18.

<sup>6</sup> RÜSEN, Jörn. **História Viva**: teoria da história: formas e funções do conhecimento histórico. Trad. Estevão de Rezende Martins. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2010. p. 136.

<sup>7</sup> PIZAN, Op. Cit., p. 54.

por alguns pesquisadores de hoje como misoginia medieval. Pizan vai além dessas carências e percebe que pode haver causas para tantos homens condenarem todas as mulheres de tal forma. Entre elas, defende a autora, estão calúnias, mentiras proferidas sobre as mulheres, por isso propõe a construção de uma cidade e, ao mesmo tempo, contrapõe as inverdades por meio das histórias de mulheres em seu livro. Portanto pretende-se perceber a relação entre obra e autora em seu contexto medieval, questionando como uma mulher viúva, escritora consegue perceber em seu contexto histórico tais carências e propor uma obra que articula estas carências em uma perspectiva de construir uma cidade utópica, ou não, para estas distintas mulheres.

Entre as publicações mais recentes sobre o tema da Cidade das Damas e/ou Christine de Pizan está o texto *Christine de Pizan e a apologia da mulher: diálogos e reavaliação crítica de fontes tradicionais da misoginia medieval*. Pedro Carlos L. Fonseca<sup>8</sup>, autor deste texto, é professor titular de Literatura Portuguesa da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás. O autor descreve o contexto histórico em que Pizan se situa enquanto misógino e classifica enquanto ataques às mulheres uma série de literatura medieval. Este texto faz parte de uma pesquisa sobre a visão das mulheres na Idade Média, tanto difamadas quanto defendidas, e no texto de Pizan, Fonseca aborda sobre uma defesa às mulheres através de uma análise literária da obra.

*Razão, Retidão e Justiça: a questão do conhecimento em a cidade das damas de Christine de Pizan* é tratada em uma monografia na área da filosofia realizada por Anderson Cardoso Rubin<sup>9</sup>, orientado por Prof. Dr. Hilan Nissior Bensusan na Universidade de Brasília. Em sua pesquisa, Rubin faz uma análise filosófica da obra de Christine de Pizan realizada pelo encontro dialético de Pizan (personagem) e as três alegorias descritas enquanto Damas; a Razão (Raison), a Retidão (Droiture) e a Justiça (Justice). Em seu texto, é analisada cada parte do livro, o qual é estruturado em três partes, Livro I, Livro II e Livro III. Rubin também aponta Pizan como uma resistência do feminino em contraste ao pensamento misógino.

Sob orientação da Prof<sup>a</sup> Ms.<sup>a</sup> Ana Míriam Wuensch foi desenvolvida a monografia de graduação em Filosofia de Josiene Laurentino Gomes<sup>10</sup> intitulada A

---

<sup>8</sup> FONSECA, Pedro Carlos Louzada. **Christine de Pizan e a apologia da mulher**: diálogo e reavaliação crítica de fontes tradicionais da misoginia medieval. Série Estudos Medievais Intertextualidades, Salvador, n. 4, p. 103-119, 2015.

<sup>9</sup> RUBIN, Anderson Cardoso. **Razão, retidão e justiça**: a questão do conhecimento em A cidade das damas de Christine de Pizan. 2014. 49 f. Monografia (graduação), UNB, Brasília, DF, 2014.

<sup>10</sup> GOMES, Josiene Laurentino. **A estética das virtudes**: a relação entre beleza e virtude na obra A Cidade das Damas de Christine de Pizan. 2014. 41 f. Monografia (graduação), UNB, Brasília, DF, 2014.

*estética das virtudes: a relação entre beleza e virtude na obra O livro da Cidade das Damas de Christine de Pizan.* Neste trabalho desenvolveu-se uma leitura hermenêutica e filosófica da obra de Christine de Pizan. Gomes desenvolve um breve histórico sobre Pizan, e assim como os pesquisadores anteriores aponta para uma escrita em que Pizan pretende defender as mulheres dos ataques misóginos de seu tempo. Então, aborda os dois conceitos, de Belo e de Virtude na obra *O livro da Cidade das Damas através de uma interpretação dos filósofos clássicos, Platão e Aristóteles.*

Ana Míriam Wuensch<sup>11</sup>, anteriormente citada como orientadora da monografia de Gomes, tem um artigo que se chama *O que Christine de Pizan nos faz pensar.* Neste artigo, Wuensch descreve o impacto da obra de Pizan na disciplina de graduação Ideias Filosófica em Forma Literária na Universidade de Brasília em 2012. Um texto que desperta interesse e curiosidade em quem o lê. Refere-se, assim como autores anteriormente mencionados, ao problema da misoginia medieval.

Wuensch divide seu texto em quatro perplexidades iniciais em torno de Christine de Pizan que guiaram a disciplina de graduação, sendo elas o fato de existir uma escritora mulher na Europa medieval; por Pizan ter escrito a maior parte de suas obras fora de uma abadia; por ter protagonizado o famoso debate literário conhecido como a *Querelle du Roman de la Rose*, entre os anos de 1399 a 1403 e então por Pizan ter sido considerada a primeira mulher escritora profissional no ocidente.

Por sua vez Lieve Troch<sup>12</sup>, prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> da Radboud Universiteit Nijmegen na Holanda, atua na área de ciência da religião, e tem seu artigo publicado na revista Graphos com o título; *Mística feminina na Idade Média: Historiografia Feminista e Descolonização das Paisagens Medievais.* Em seu artigo, Troch aborda a mística feminina na Idade Média de forma crítica e com um olhar feminista. Este olhar a autora define enquanto o “domínio científico e em primeiro lugar, o uso de uma hermenêutica de suspeita para com as fontes, autores e a história”.<sup>13</sup>

O artigo é dividido em três subcapítulos. “1. Definições e contexto: Idade Média na Europa Ocidental e a Mística feminina”, “2. As fontes e suas interpretações” e “3. Mulheres místicas, seus contextos e sua influência entre os séculos XI e XV”. É neste último ponto que a autora analisa as mulheres que escreveram durante a Idade Média,

---

<sup>11</sup> WUENSCH, Ana Míriam. **O que Christine de Pizan nos faz pensar.** Revista Graphos, v. 15, n. 1, 2013.

<sup>12</sup> TROCH, Lieve. **Mística feminina na Idade Média: Historiografia Feminista e Descolonização das Paisagens Medievais.** Revista Graphos, v. 15, n. 1, 2013.

<sup>13</sup> TROCH, Ibidem., p. 1.

Hildegard de Bingen (1098-1179), Hadewijch de Antuérpia (1200-1260) e Margarete Porete (1250-1310), Catarina de Siena (1347-1380) e por fim aborda Christine de Pizan e seu contexto da intelectualidade leiga. A visão da autora realça em diversos momentos elementos feministas na escrita das autoras citadas.

No artigo de Maria Simone Marinho Nogueira<sup>14</sup>, novamente, há uma discussão sobre a mística feminina medieval. Nogueira é prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> de Filosofia Medieval na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Em seu texto busca dar visibilidade a escrita de mulheres letradas da Idade Média, e classifica suas escritas que oscilam entre a transgressão e a paixão. Escreve sobre Marguerite Porete, já mencionada anteriormente, e utiliza de Christine de Pizan para complementar sua pesquisa.

Christiane Soares Carneiro Neri<sup>15</sup> escreve o artigo para a Revista *Gênero & Direito*, chamado *Feminismo na Idade Média: conhecendo a Cidade das Damas*. Em seu artigo, Neri analisa a condição da mulher na Idade Média a partir de Christine de Pizan e contextualiza o momento presente de Pizan enquanto misógino. Afirma que a escrita de Pizan foi um discurso feminista no final da Idade Média e um ponto de resistência a dominação masculina.

Luciana Eleonora de F. C. Deplagne<sup>16</sup> é a mesma pesquisadora que realiza a tradução brasileira da obra *A Cidade das Damas*, porém em sua tese de doutoramento seu nome consta nas bibliografias enquanto Luciana Eleonora de Freitas Calado, posteriormente descrita aqui. Neste seu artigo intitulado *A reescrita do mito das amazonas na obra A Cidade das Damas de Christine de Pizan*, Deplagne analisa um recorte do livro sobre as amazonas em Christine de Pizan e Giovanni Boccaccio, em sua obra *De mulieribu claris*<sup>17</sup>. Sua comparação utiliza do conceito de *ginecotópia*, uma forma de escrita realizada pelas mulheres ao reinterpretar textos escritos originalmente por homens. Em seu artigo, Deplagne analisa o discurso entre esses dois autores e percebe e critica suas semelhanças e diferenças.

---

<sup>14</sup> NOGUEIRA, Maria Simone Marinho. **A escrita feminina medieval: mística, paixão e transgressão**. *Mirabilia: electronic journal of antiquity and middle ages*, n. 17, p. 153-173, 2013.

<sup>15</sup> NERI, Christiane Soares Carneiro. **Feminismo na Idade Média: conhecendo a cidade das damas**. *Revista Gênero & Direito*, v. 2, n. 1, p. 68-85, 2013.

<sup>16</sup> DEPLAGNE, Luciana Eleonora de F. C.. **A reescrita do mito das amazonas na obra A Cidade das Damas de Christine de Pizan**. *Anuário de Literatura*, Florianópolis, v. 18, n. esp. 1, p.115-136, 2013.

<sup>17</sup>Mulheres famosas.

Lucimara Leite<sup>18</sup> em sua tese, *Christine de Pizan: uma resistência na aprendizagem da moral de resignação*, realizada em seu doutorado no curso de Línguas e Literatura Francesa e Estudos Medievais, junto com Calado (2006) são pesquisadoras referência no Brasil nos estudos sobre Christine de Pizan. Leite utiliza duas obras, *Cité des Dames* e *Trois vertus*, de Pizan para analisar os modelos de escritas *Specula*<sup>19</sup> e *Exempla*<sup>20</sup>. Através destas fontes, Leite consegue realizar um mapeamento sobre a educação das mulheres na França medieval dos séculos XII a XV.

Luciana Eleonora de Freitas Calado<sup>21</sup>, por sua vez, intitula sua tese *A Cidade das Damas: a construção da memória feminina no imaginário utópico de Christine de Pizan*. Sua tese é dividida em três partes, tal qual o livro de Pizan, sendo a parte III a tradução completa do livro medieval *A Cidade das Damas*. As partes I e II são divididas em três capítulos cada. Nessa divisão, Calado contextualiza a identidade feminina no entorno de Christine de Pizan e a história das mulheres. Seguida de uma análise histórica do discurso de Pizan no livro. E finaliza a parte I com a escrita christiniana e sua representação de gênero, abordando aqui a *Querelle des Dames*. Na parte II, Calado explora o livro *A Cidade das Damas* em seu discurso, suas metáforas e alegorias. No capítulo II, introduz o conceito de utopia e a situa na obra de Pizan. Para, então, finalizar esta parte II com o sonho acordado de Pizan (personagem) enquanto uma utopia de uma cidade de mulheres.

Através de uma análise hermenêutica pretende-se compreender *A Cidade das Damas* em seus detalhes e suas nuances. Foi escolhida a hermenêutica como metodologia desta pesquisa porque “como teoria da interpretação, possui então um estatuto histórico-ontológico, enquanto a categoria da linguagem é o modo de execução que lhe é inerente; ela não se deixa reificar pelo recurso a um método”<sup>22</sup>. Portanto, é através de uma profunda imersão na fonte que se buscará interpretá-la e compreendê-la em seu contexto e as apropriações que podemos adquirir hoje com sua leitura em constante diálogo com pesquisadoras e pesquisadores contemporâneos. O objetivo da

---

<sup>18</sup> LEITE, Lucimara. **Christine de Pizan: uma resistência na aprendizagem da moral de resignação**. 2008. 228 f. Tese (Doutorado) – Curso de Línguas e Literatura Francesa e Estudos Medievais, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP. São Paulo, SP, 2008.

<sup>19</sup> Espelho.

<sup>20</sup> Exemplo.

<sup>21</sup> CALADO, Luciana Eleonora de Freitas. **A Cidade das Damas: a construção da memória feminina no imaginário utópico de Christine de Pizan**. 2006. 368 f. Tese (Doutorado) - Curso de Teoria Literária, Departamento de Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006.

<sup>22</sup> KOSELLECK, Reinhart. **Estratos de tempo: estudos sobre história**. Trad. Markus Hediger. Rio de Janeiro: Contra-ponto: PUC-Rio, 2014, p. 103.

análise será de buscar compreender até que ponto *O Livro da Cidade das Damas* pode ser considerado utopia no contexto de sua escrita e como ele é reinterpretado com as consequências do tempo. Sem anacronismos, é necessário reconhecer na história das mulheres o surgimento e o avanço na luta pela igualdade de gênero. Assim como Koselleck (2014) salienta o “sem-sentido<sup>23</sup> [*Unsinn*] linguístico pode ser desvelado linguisticamente.”<sup>24</sup> Consequentemente, a fonte será analisada principalmente por ela mesma, aprofundando-se na interpretação de seus escritos para, então, buscar a compreensão da fonte em seu contexto, examinando-a com o uso de seus próprios conceitos. Além disso, será utilizada a análise epistemológica, por intermédio de conceitos externos e posteriores a fonte para compreendê-la satisfatoriamente. Estes conceitos são utopia e gênero.

Serão analisadas na obra de Pizan suas temporalidades por intermédio do conceito de utopia. Pretende-se compreender qual (ou quais) a(s) temporalidade(s) existente(s) nas alegorias criadas por Christine de Pizan, assim como na metáfora da construção da Cidade das Damas. Então, o conceito de utopia estará impreterivelmente ligado às temporalidades. Percebe-se o conceito de utopia intrinsecamente ligado a duas categorias históricas, o espaço de experiência e o horizonte de expectativa abordado por Koselleck em *Futuro Passado: contribuições à semântica dos tempos históricos*.

Nessa pesquisa, considera-se importante salientar que não se atribuirá o conceito de feminismo ao movimento da *Querelle des Femmes*, nem a Christine de Pizan, por opção metodológica, com o intuito de recompor e interpretar o contexto a partir de sua época e de seus conceitos. Entretanto, entende-se que é possível utilizar tal conceito para a Idade Média, uma vez que se compreenda que ele foi definido posteriormente, e utilizado para nomear determinados movimentos, ações e práticas de temporalidade anteriores a sua definição, tal como se pode ler em obras das historiadoras como Joan Kelly-Gadol<sup>25</sup>, Célia Amorós<sup>26</sup> e María-Milagros Rivera Garretas<sup>27</sup>.

Gênero enquanto categoria de análise terá função significativa na pesquisa, para compreender as relações de poder entre os intelectuais medievais (Christine de Pizan inclusa) e suas respectivas indicações de mulher na Idade Média, além da atuação de

---

<sup>23</sup> *Sem-sentido* é interpretado como algo, que em seu contexto, é compreendido de uma determinada forma e que após uma série de eventos adquire outra interpretação.

<sup>24</sup> KOSELLECK, Op. Cit., p. 108.

<sup>25</sup> KELLY-GADOL, Joan. **Did women have a Renaissance?**. Boston, MA: Houghton Mifflin, 1977.

<sup>26</sup> AMORÓS, Celia. **Tiempo de feminismo: sobre feminismo, proyecto ilustrado y postmodernidad** [ie postmodernidad]. Universitat de València, 1997.

<sup>27</sup> María-Milagros Rivera. **Mujeres en Relación: Feminismo 1970-2000**. Barcelona: Icaria. 2ª Ed. 2003.

Pizan perante o *status quo*. Consequentemente, será utilizada a teoria de Joan Scott, com a abordagem que “é de ordem causal, ela elabora teorias sobre a natureza dos fenômenos e das realidades, buscando entender como e porque aqueles tomam a forma que eles têm.”<sup>28</sup> Assim sendo, buscar-se-á um olhar crítico ao analisar as fontes no que toca tanto à relação entre mulheres e homens em suas oposições quanto em suas semelhanças. Sendo assim, concorda-se com Bonnie Smith ao utilizar uma metáfora muito comum entre historiadoras e historiadores, do espelho da história. Smith afirma “sempre que a pessoa diante do espelho é uma mulher, sua autocontemplação tem parecido repetitiva, até mesmo obsessiva e indicativa de vaidade ou amor pela luxúria – conotando o sensual no lugar do racional.”<sup>29</sup>

Os resultados dessa pesquisa serão apresentados em três capítulos. O primeiro capítulo intitulado *Christine de Pizan e as mulheres do século XIV* é dividido em três subcapítulos e tem por objetivo fazer o contexto histórico de quando a obra foi escrita e descrever a fonte usada para realização da pesquisa histórica. Em “A ordem e a ‘vontade de verdade’”, primeiro subcapítulo, contextualiza-se o momento vivido por Pizan, analisando através das bibliografias selecionadas, os costumes da relação de poder entre homens, principalmente, para compreender o contexto das mulheres nos séculos anteriores ao XIV. Essa contextualização, a qual permeia a ordem social medieval, tem por objetivo entender a vontade que Pizan ilustra em seu livro através dos textos que lia sobre a conduta das mulheres, escrito regularmente por homens. No segundo subcapítulo, “Moradoras da cidade: Mulheres ou Damas?”, são analisadas, através do discurso de Pizan, quais mulheres são permitidas na Cidade. No terceiro subcapítulo “As Virtudes Divinas: quando as Damas se apresentam” evidencia-se a fonte ao descrever as apresentações das três Damas, Razão, Retidão e Justiça.

O segundo capítulo, “*Querelle des Femmes* ou Querela de Christine de Pizan”, segue a mesma divisão do anterior, sendo composto por três subcapítulos. O primeiro subcapítulo “A tempestade: debate intelectual sobre mulheres nos séculos XIII-XV” faz uma discussão sobre os intelectuais que influenciam a cultura medieval ou escrevem sobre ela, para chegar ao momento em que Pizan ergue-se enquanto escritora e edifica-se enquanto pessoa pública detentora do saber, que é abordado no segundo subcapítulo intitulado “*Persona Publica*: Publicidade como motor de sua atividade.” No último

---

<sup>28</sup> SCOTT, Joan. **Gênero**: uma categoria útil para análise histórica. Tradução: Christiane Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila. 1990. p. 6.

<sup>29</sup> SMITH, Bonnie G., **Gênero e História**: homens, mulheres e a prática histórica; Trad. Flávia Beatriz Rossler. Bauru, SP: EDUSC, 2003. p. 17.

subcapítulo são analisadas as Damas, previamente apresentadas, enquanto alegorias, método comum em textos medievais.

O terceiro capítulo, “A Cidade das Damas: uma transição utópica”, é dividido em dois subcapítulos e tem o objetivo de analisar a fonte através do pensamento utópico. Para isso em seu primeiro subcapítulo “Em busca da idealização: uma cidade no ‘tempo’” remete aos processos de idealização de cidades imaginárias e utópicas. Para, então, através da visão de tempo histórico apresentado por Koselleck, analisar a fonte enquanto campo de experiência e horizonte de expectativa no subcapítulo com o título “Entre experiências e expectativas: uma visão utópica.” Por fim é apresentada as considerações finais que levaram essa pesquisa a pensar em uma utopia de transição.



## 1. CHRISTINE DE PIZAN E AS MULHERES DO SÉCULO XIV

### 1.1. A ordem e a “vontade de verdade”

“Perguntava-me quais poderiam ser as causas e motivos que levavam tantos homens, clérigos e outros, a maldizer as mulheres e a condenar suas condutas em palavras, tratados e escritos”.<sup>30</sup>

Assim iniciam-se as inquietações de Christine de Pizan, em sua obra *Le Livre de Cité des Dames*, escrita em Paris no ano de 1405. Mas quem é Christine de Pizan? Para melhor conhecer esta mulher que viveu entre os séculos XIV e XV, deve-se retroceder alguns passos no tempo, com o objetivo de procurar compreender quando e como desenvolve-se Christine de Pizan na Europa da Baixa Idade Média. Para que se possam observar alguns elementos, características selecionadas para que o objeto de pesquisa, aqui circunscrito na escrita de Pizan, possa ser adequadamente compreendido. Inclusive, esse mesmo deslocamento contribuirá para uma visão ampliada do que provoca a autora a expressar seu desconforto. Algo a perturbava, algo se tornava diferente do que antes era, ou talvez diferente do que a autora considerava compor o mais coerente na postura desses – tantos homens, clérigos e outros – sobre as mulheres.

Para compreender o cenário da Europa medieval para as mulheres, e suas principais transformações até o século XV, é necessário observar as causas das mudanças sócio-políticas e culturais na sociedade. Essas mudanças tem sido motivo de amplo debate entre historiadoras e historiadores que pesquisam a Idade Média. Além de apresentarem suas conclusões, aumentam-se também o número de perguntas abertas para que medievalistas futuros busquem responde-las. Opitz<sup>31</sup> evidencia a dificuldade em encontrar fontes medievais que falem sobre as mulheres e, pior ainda, as que sejam escritas por mulheres. A pesquisadora salienta que as mesmas fontes, não encontradas nos primeiros séculos medievais, começam a aparecer, ou permanecer, no final da Idade Média, através de “testemunhas autênticas provenientes da mão ou da boca das mulheres”.

Quem nunca escutou ou leu em algum lugar, televisão ou revista, expressões relacionando a Idade Média a algo negativo, obscuro, das trevas, ou alguma adjetivação que corresponda a uma ideia de atraso e desqualificação? Mesmo após décadas de

---

<sup>30</sup> PIZAN, 2012, p.58.

<sup>31</sup> OPITZ, Claudia. **O cotidiano da mulher no final da Idade Média (1250-1500)**. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. *Historia das mulheres no Ocidente*. vol. 2. Trad. Ana Losa Ramalho, et. al. Porto: Afrontamento, São Paulo: EBRADIL, 1990. p. 353.

pesquisas publicadas de historiadoras e historiadores sobre esse assunto ainda há, no senso comum, esta “má reputação” destinada aos mil anos correspondentes a Idade Média.<sup>32</sup> Inclusive encontra-se em livros de história medieval o uso da divisão hierárquica da sociedade em três ordens; clero, nobreza guerreira e camponeses. Esses três grupos são conhecidos através de uma pirâmide social, na qual os camponeses compunham sua base em maior número, o clero no topo em seu número reduzido e no meio ficavam os nobres guerreiros, responsáveis pela defesa e segurança das terras. Entretanto, essa estrutura conhecida como “três ‘estados’, três categorias estabelecidas, estáveis, três divisões hierarquizadas” são problematizadas por Georges Duby<sup>33</sup> em sua obra; *Três ordens ou o imaginário do Feudalismo*. O autor trabalha o norte da França e retoma os textos<sup>34</sup> de Adalberão, bispo de Laon e Gerardo, bispo de Cambrai no século XI, e Charles Loyseau<sup>35</sup> e de Torquat<sup>36</sup>. Duby problematiza a relação das ordens sociais presente nos textos datados do século VI ao XVII, com a ordem natural, presente na cultura da sociedade medieval. Reconhece o formato de três ordens<sup>37</sup>, por uma sociedade tripartida ser a busca da perfeição, da harmonia, da razão ao corresponder o universo ordenado criado por Deus e a sociedade que vive e se organiza para alcançar a Deus. Portanto, é visível a necessidade, por parte – formada principalmente pelo clero – da sociedade medieval, do reconhecimento de uma sociedade tripartida. Para tanto, é fundamental que o projeto ideológico proposto, tenha elementos de ligação com a sociedade que se pretende aplicar.

De acordo com o sistema associativo e simpático de perceber o mundo natural na Idade Média, o ser humano seria um pequeno mundo, o

<sup>32</sup> BASCHET, Jérôme. **A civilização feudal**: do ano 1000 à colonização da América; trad. Marcelo Rede; São Paulo: Globo, 2006.

<sup>33</sup> DUBY, Georges. **As Três Ordens**: ou o imaginário do Feudalismo. Trad. Maria Helena Costa Dias. 2ª Ed. Lisboa: Estampa, 1994, p.13-14.

<sup>34</sup> As duas frases apresentadas por Duby são: “Tripla é pois a casa de Deus que se crê una: em baixo, uns rezam (orant), outros combatem (pugnant), outros ainda trabalham (laborant); os três grupos estão juntos e não suportam ser separados; de forma que sobre a função (officium) de um repousam os trabalhos (opera) dos outros dois, todos por sua vez entreajudando- se.”; e “Demonstrou que, desde a origem, o género humano se dividiu em três: as gentes de oração (oratoribus), os agricultores (agricultoribus) e as gentes de guerra (pugnatoribus); fornece evidente prova de que cada um é o objecto, por parte dos outros dois, de um recíproco cuidado”.

<sup>35</sup> Tradado das Ordens e Simples Dignidades de 1610.

<sup>36</sup> Duby cita o texto “O nosso bom mister de soldado, seguido de uma tentativa de retrato moral do Chefê”, obra editada em Paris, em 1951.

<sup>37</sup> Duby também afirma “Por outro lado, estes três “caminhos” não são os únicos. Simplesmente, são os bons. Tal raciocínio, maniqueísta, não fala dos outros. Porque os condena. Toda uma parte do social é por ele amaldiçoada, rejeitada, aniquilada. [...] só o padre, o guerreiro e o camponês se não desviam do bom caminho, só eles respondem ao apelo de Deus.” Cf. DUBY, 1994, p.16.

microcosmo. [...] no qual o paralelo cósmico-antropológico apresenta o ser em fina sintonia com o universo...<sup>38</sup>

Logo, para que a estrutura presente no cotidiano da sociedade tivesse sintonia com sujeito medieval, é necessário que haja uma relação de homologia entre ser humano e natureza. Ou seja, uma relação entre o microcosmo (sujeito/ser humano) e o macrocosmo (natureza/universo). Duby, ainda reforça que, “a sagração do monarca sobrepõe uma ordenação cultural à ordenação estabelecida pela natureza.”<sup>39</sup>

Onde, então, as mulheres se encaixam nessa sociedade tripartida? Duby apresenta textos de Cícero sobre ordem, usados durante a Idade Média, nos quais as mulheres não possuem local, ofício, nem função social. Porém, uma função aparece para as mulheres em textos da Igreja: a de subordinação ao homem, seu “senhor”. Retornando a essa “má reputação” da Idade Média, com relação às mulheres não é muito diferente. Ao fechar os olhos e tentar buscar a imagem construída de mulher e de homem na Idade Média, diversas vezes pode-se ligar o homem a virilidade, a cavalaria, ao trabalho braçal. Enquanto para a mulher resta a roça, o trabalho doméstico e o cuidado das crianças.<sup>40</sup>

Apesar de haverem esses papéis na Idade Média, não se pode aqui, limitar-se a eles, quando se busca compreender o contexto social em que viveu Christine de Pizan. Adeline Rucquoi<sup>41</sup>, em seu texto, *La Mujer em la Edad Media*, desdobra de uma visão quase monocromática do que seria a Europa medieval com relação as mulheres para uma degrade das mais variadas cores possíveis. Sem romantizar a realidade desfavorável, a qual, as mulheres pertenciam. “Insegurança, guerras, epidemias, fome, peso do poder feudal, tradição jurídica herdada dos romanos e do direito germânico, e finalmente poder ideológico da Igreja.”<sup>42</sup> Esse era um cenário no qual o poder estava concentrado nas figuras masculinas, nos homens da nobreza e/ou clero, por sua vez, as mulheres poderiam receber punições de adultério que variava de açoitamento em praça pública em seus corpos nus, à morte pelas mãos de seus maridos. Enquanto o marido condenado à traição, regularmente recebia apenas uma multa.

<sup>38</sup> SILVEIRA, Aline D.. Relação corpo, natureza e organização sociopolítica no Medievo: revelação, ordem e lei. In: NODARI, Eunice S.; KLUG, João. (Orgs.). **História ambiental e migrações**. São Leopoldo: Oikos. 2012, p. 153.

<sup>39</sup> DUBY, 1994, p.74.

<sup>40</sup> MACEDO, José Rivair. **A Mulher na Idade Média**. 5. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2002.

<sup>41</sup> RUCQUOI, Adeline. **La Mujer en la Edad Media**. In: *História*, n.16, 1978.

<sup>42</sup> Tradução nossa “inseguridad, guerras, epidemias, hambres, peso del poder feudal, tradición jurídica heredada a la vez de los romanos y del derecho germánico, y finalmente poder ideológico de la Iglesia” Cf. RUCQUOI, 1978, n. p.

Entretanto, nesse mesmo cenário em que a mulher é visivelmente um sujeito subalterno, submisso ao homem, nessa mesma realidade social que era de tal maneira desfavorável às mulheres

tenha presenciado a aparição do culto a Virgem Maria (séc. XII); que tenha fomentado a poesia dos trovadores, as ‘cortes de amor’ e o amor cortês; e que tenham sido pontuadas as figuras femininas, reais ou fictícias, como as de Eloísa, de Isolda, de Maria de Molina ou de Joana D’arc, não consiga superar a ‘lenda negra’ que não vê mais, na época medieval, que cadeias, cintos de castidade, equipamento de tortura, direito da primeira noite e em geral uma negação total da mulher até como ser humano.<sup>43</sup>

Pode-se acrescentar a esta lista de mulheres, Hildegarda de Bingen<sup>44</sup> (1098-1179), Leonor de Aquitânia<sup>45</sup> (1122 ou 1124 -1204), Filipa de Hainaut<sup>46</sup> (1314-1369), Beatriz Galindo<sup>47</sup> (1465-1534) e tantas outras mulheres que compõem a historiografia medieval com pesquisa de medievalistas nas últimas décadas.

Rucquoi argumenta que diversos desses conceitos “pré-fabricados” foram herdados frequentemente do século XIX romântico. Nesses casos, critica a ausência de pesquisa científica e rigorosa para que pudesse legitimar essas ideias. Um exemplo disso é o direito da primeira noite “*ius primae noctis*”. Este fenômeno é desconstruído por Rucquoi, alegando não haver prova documental ou oral em nenhum *corpus* jurídico medieval. A historiadora também mostra uma provável origem para o conceito. Apresenta um costume arcaico dos povos que habitavam a Europa antes da expansão de Roma, que havia certo “tabu” com o sangue que escorre quando se rompe o hímen de uma virgem, em sua primeira relação sexual. Pensavam ser uma operação que liberaria foças malignas, necessitando frequentemente de uma pessoa específica que pudesse

<sup>43</sup> Tradução nossa “hayan presenciado la aparición del culto de la Virgen María (siglo XII); que hayan fomentado la poesía de los trovadores, las «cortes de amor» y el amor cortés; y que hayan sido jalonados por figuras femeninas, reales o ficticias, como las de Eloísa, de Isolda, de Maria de Molina o de Juana de Arco, no consigue sobreponerse a la «leyenda negra» que no ve más, en la época medieval, que cadenas; cinturones de castidad, tornos o potros, «derecho de pernada» y en general, una denegación total de la mujer hasta como ser humano.” Cf. RUCQUOI, 1978, n. p.

<sup>44</sup> Visionária medieval, monja germânica com origem na baixa nobreza, com influência política no alto clero. Hildegarda escreveu sobre medicina, música entre outros assuntos. (PIERONI, 2007, p.66-67)

<sup>45</sup> Viveu até os 83 anos de idade. Foi rainha consorte da França (1137-1152) e também rainha da Inglaterra (1154-1189), foi para segunda cruzada com então marido rei Luís VII da França. Forte patrocinadora das artes. Cf. VICKI, León. Mulheres audaciosas da Idade Média. Trad. Marita Fornos de Magalhães. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1998, p.142-143.

<sup>46</sup> Rainha consorte da Inglaterra, tinha forte interessa por economia, montou fábricas em Norwich, buscando tecelões e tintureiros em Flandres (sua terra natal) para treinar mulheres locais. Patrocinou as artes, incluindo Geoffrey Chaucer, e chegou a atuar em batalha, com armadura e pronunciando discurso, levando a Inglaterra uma vitória. Cf. VICKI, 1998, p.228-229.

<sup>47</sup> Escritora que estudou na Universidade de Salerno, Itália durante o século XV e ao adquirir seu diploma retorna para Espanha onde se torna professora de latim e filosofia na Universidade de Salamanca. Cf. VICKI, 1998, p. 246.

lidar com esses poderes religiosos ou mágicos, um sacerdote-bruxo ou chefe da tribo. Portanto, não passam de uma construção na sobrevida de um costume distante transmitido oralmente, que teria origem nos povos pagãos, séculos antes da cristianização da Europa medieval.

Outra confusão comum, criada pelos iluministas, foi e ainda é, chamar a Idade Média de “Idade das trevas”, atribuindo a este período a morte de milhares de mulheres na fogueira, por acusação de bruxaria. Rucquoi<sup>48</sup> reforça sua arguição afirmando que em diversos concílios desde o século VI eram condenados os que acreditavam em bruxaria, em demônios, práticas mágicas ou superstições em geral. Entretanto, mesmo com as conversões ao cristianismo, os povos pagãos não deixavam completamente suas antigas crenças e costumes. Aparentemente a igreja não dava tanta importância a esse tipo de pecado, sendo que nos séculos X a XIII, era encontrado apenas rezas e penas em dinheiro para os culpados desta falta.<sup>49</sup>

No início da Idade Moderna aumenta o uso das fogueiras, usadas anteriormente contra hereges, para a execução das mulheres acusadas de bruxaria. O livro *Malleus Maleficarum*<sup>50</sup>, o “manual do perfeito inquisidor de bruxas”<sup>51</sup> tinha a função de reconhecer uma bruxa, como estar imune a seus poderes e como curar e destruir bruxaria. É aqui que Rucquoi destaca que “dessa data em diante, o "herege", paradoxalmente, é quem não acredita na existência de demônios.”<sup>52</sup> As mulheres foram acusadas de bruxaria e levadas a fogueira principalmente durante os séculos XVI e XVII. Logo, não deveria ser atribuída a Idade Média, mas sim a Idade Moderna, ou a um período de transição. Rucquoi menciona que haveria, nas atas do “Concílio de Mâcon”, um questionamento sobre a mulher ter ou não alma. Porém, a autora diz que “curiosamente, esta menção do tema dos debates do dito concílio não apareceu, se não em um escrito anônimo holandês publicado no século XVI.”<sup>53</sup>

A condição jurídica das mulheres na Idade Média era baseada, como já mencionado, no direito romano e no direito germânico, os quais se condensam gerando o direito feudal, que “apesar de suas variedades e divergências, frequentemente

---

<sup>48</sup> RUCQUOI, 1978., n. p.

<sup>49</sup> Ibidem., n. p.

<sup>50</sup> Obra escrita por dois padres dominicanos alemães, Heinrick Kramer e Jacobus Sprenger em 1486.

<sup>51</sup> RUCQUOI, Adeline. **La Mujer en la Edad Media**. In: *História*, n.16, 1978. n. p.

<sup>52</sup> Tradução nossa “de esa fecha em adelante, el «herético», paradójicamente, es el que no cree en la existencia de los demonios”. Cf. RUCQUOI, 1978. n. p.

<sup>53</sup> RUCQUOI, Op. Cit., n. p.

considera a mulher como a um ser de idade ‘incapaz’ em geral.”<sup>54</sup> Regularmente, sua tutela pertence ao pai quando solteira e ao marido quando casada. Portanto, muitos casos em que uma mulher precisasse se apresentar diante de um tribunal, a qual deveria ser feita por seu tutor, um homem em idade adulta; regularmente pai ou marido. Somado a esse direito, não se pode esquecer a crença cristã medieval, a qual se baseava em referências bíblicas “assimilando a doutrina culpabilizadora de Santo Agostinho e dirigindo finalmente ao aristotelismo no século XIII”.<sup>55</sup> Ainda que houvesse figuras como Abelardo e Robert d’Arbrissel, que no final do século XI procuraram defender certa igualdade do homem e da mulher. A imagem predominante hoje sobre como se pensava a mulher na Idade Média é “como tentadora, como débil, pecadora, criada do homem e para ele”.<sup>56</sup>

Em meados do século XIII, Tomas de Aquino, (1225-1274) santo e doutor da Igreja, desenvolve seu pensamento sobre a mulher como uma “deficiência da natureza”, reforçando a visão teológica de que a mulher foi criada a partir do homem, portanto “por natureza própria, de menor valor e dignidade que o homem”.<sup>57</sup> Ao buscar em sua *Suma de Teología*, se encontra as seguintes afirmações; “[...] por natureza, a mulher é inferior ao homem em dignidade e em poder”<sup>58</sup> Tomas de Aquino cita Aristóteles – O Filósofo – para sustentar seu argumento, além de Santo Agostinho. Tomas de Aquino afirma que a mulher não devia ter sido feita entre as primeiras criações, nem antes do pecado. Declara que Deus não devia ter criado a mulher, em suas palavras, ele diz:

Foi necessária a criação da mulher, como disse a Escritura, para ajudar o homem em alguma obra qualquer, como eles realizaram algumas, e que para outras obras podiam proporcionar uma melhor ajuda os outros homens, se não para ajuda-los na geração. Isso é claro, se olharmos para os modos de geração que ocorrem na vida.<sup>59</sup>

<sup>54</sup> Tradução nossa “a pesar de sus variedades y divergencias, suele considerar a la mujer como a un ser menor de edad, «incapaz» en general” RUCQUOI, 1978. n. p.

<sup>55</sup> Tradução nossa “assimilando la doctrina culpabilizadora de San Agustín y dirigiendo finalmente el aristotelismo em el siglo XIII” RUCQUOI, RUCQUOI, 1978. n. p.

<sup>56</sup> Tradução nossa “como tentadora, como ser débil, pecadora, creada del hombre y para él.” Cf. RUCQUOI, 1978, n. p.

<sup>57</sup> RUCQUOI, 1978, n. p.

<sup>58</sup> Tradução nossa “por natureza, la mujer es inferior al hombre en dignidade y em poder”. Cf. AQUINO, Santo Tomas de. *Suma de Teología I: Parte I*. (Damián Byrne, O. P.), Cuarta Edición, Madri: Biblioteca de Autores Critianos, 2001, p 823.

<sup>59</sup> Tradução nossa “Fue necesaria la creación de la mujer, como dice la Escritura, para ayudar al varón no en alguna obra cualquiera, como sostuvieron algunos, ya que para otras obras podían prestarle mejor ayuda los otros hombres, sino para ayudarle en la generación. Esto aparece de forma evidente si nos detenemos ante los modos de generación que se dan en los vivientes.” Cf. AQUINO, Santo Tomas de. *Suma de Teología I: Parte I*. (Damián Byrne, O. P.), Cuarta Edición, Madri: Biblioteca de Autores Critianos, 2001, p. 823.

Era esse o contexto que se encontrava Christine de Pizan. Em uma sociedade, na qual, os Doutores da Igreja escreviam que seria mais eficiente se Deus tivesse criado o homem, segundo Tomas de Aquino, como algumas plantas, quando afirma possuírem em seus corpos a potência divida ativa e passiva, reproduzindo-se por si mesmo. Portanto, é necessário compreender o contexto de Pizan para compreender o cenário no qual estava inserida sua escrita.

Em 1363, na Itália, nasceu Christine de Pizan (1363-1430). Ainda que não fosse nobre, acabou vivendo entre eles. Pizan migra para França aos quatro anos de idade, por meio do convite do rei Carlos V a seu pai Thomas de Pizan. Thomas é quem a ensina ler e escrever. O acesso à corte francesa a permite dar continuidade a esses estudos. Na corte, seu pai, não demora em casá-la com o secretário do rei, Estêvão Castel.<sup>60</sup> Christine posteriormente vem a escrever uma obra biográfica sobre a vida do rei Carlos V, o sábio, e de acordo com Deplagne, é nela destacada a característica do gosto pelo saber intelectual do rei Carlos V. No ano da morte de Carlos V havia cerca de 970 volumes, entre os quais toda a obra de Aristóteles traduzida em latim.<sup>61</sup>

Christine de Pizan, "Viúva, aos vinte e cinco anos, com três filhos para sustentar, além de sua mãe, também viúva e uma sobrinha."<sup>62</sup> Por possuir uma rede de contatos na corte francesa e mesmo fora desta, permanece com acesso a biblioteca real. Recusa então seu "destino certo" e rompe com os costumes tradicionais de sua sociedade. Deplagne (2013) diz que para a viúva no período medieval pareciam restar-lhe dois caminhos: a vida religiosa ou outro casamento. Klapisch-Zuber analisa a situação da mulher na relação de ordem e hierarquia medieval quando dizem que

Na idade Média não se concebe a ordem sem hierarquia. A construção do masculino/feminino respeita esta noção e se esforça em articular entre eles dois princípios da polaridade e da superposição hierarquizada, quer dizer, uma classificação binária e horizontal, fundamentada na oposição, e uma interdependência vertical entre categorias. Desta difícil combinação resulta uma imagem negativa e inferior do feminino na sua relação com o masculino. [...] A exegese das Escrituras propôs várias versões dessas construções teóricas. [...] A Criação que colocou, para a teologia medieval, os princípios de uma natureza feminina segunda e inferior, e, portanto subordinada.<sup>63</sup>

---

<sup>60</sup> MACEDO, 2002.

<sup>61</sup> DEPLAGNE, 2013, p.121.

<sup>62</sup> Ibidem., p.120.

<sup>63</sup> KLAPISCH-ZUBER, Christiane. Masculino/feminino. In: LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean Claude. **Dicionário temático do ocidente medieval**. Trad. Hilário Franco Junior. Vol. 2. Bauru, SP: Edusc, 2006, p. 139.

Segundo Klapisch-Zuber, os padrões de ordem e hierarquia se reproduzem na sociedade medieval a partir de padrões construídos pela teologia medieval<sup>64</sup>, ou seja, crenças da Igreja e do Cristianismo da Europa ocidental. Aqui é o momento de se retornar a citação que abriu este capítulo e avançar no texto de Christine de Pizan onde diz:

perguntava-me quais poderiam ser as causas e motivos que levavam tantos homens, clérigos e outros, a maldizer as mulheres e a condenar suas condutas em palavras, tratados e escritos. Isso não é questão de um ou dois homens, nem mesmo só deste Mateolo,- a quem não incluiria entre os sábios, pois seu livro não passa de uma gozação -; mas, pelo contrário, nenhum texto está totalmente isento disso. Filósofos, poetas e moralistas, e a lista poderia ser bem longe, todos parecem falar com a mesma voz para chegar à conclusão de que a mulher é profundamente má e inclinada ao vício.<sup>65</sup>

Sem negar a existência de hierarquias, havia mulheres que se questionavam sobre a veracidade de tais pensamentos, em que o cristianismo havia se construído, através dos séculos, sob a sociedade medieval ocidental de que a mulher era de uma natureza nociva, inferior e subordinada ao homem. Entretanto, prevalece uma dúvida. Em uma sociedade fortemente marcada por autoridades masculinas que reduziam o papel das mulheres, que ditavam o silenciamento feminino e distanciamento da figura da mulher de ambientes públicos, como pode nesse meio surgir uma voz como a de Christine de Pizan? Tais pensamentos e inquietações ficam evidentes quando Christine de Pizan escreve

...pus-me a refletir sobre a minha conduta, eu, que nasci mulher (...) procurei examinar, na minha alma e consciência, se o testemunho reunido de tantos homens ilustres poderia ser verdadeiro. Mas, pelo meu conhecimento e experiência e por mais que examinasse profundamente a questão, não conseguia compreender, nem admitir a legitimidade de tal julgamento sobre a natureza e a conduta das mulheres.<sup>66</sup>

Com isso, identifica-se que há certa inquietação entre as mulheres, não apenas do século XV, mas também, no século XII, em que é possível encontrar na obra "Lais de Maria de França". Em seu prólogo a autora inicia dizendo "Quem recebe de Deus o conhecimento e o dom de falar com eloquência não deve calar nem se esconder; pelo contrário, deve estar pronto a aparecer."<sup>67</sup> Portanto, há vozes femininas nestes

<sup>64</sup> O uso do conceito de Teologia Medieval é usado sob a ótica da autora Christiane Klapisch-Zuber ao abordar o tratamento pelos pais da Igreja as mulheres em textos, como por exemplo, Agostinho.

<sup>65</sup> PIZAN, 2012, p. 58

<sup>66</sup> Ibidem., p. 59.

<sup>67</sup> MARIA DE FRANÇA. **Lais de Maria de França**. Antônio Furtado e Marina Colasanti (trads.). Petrópolis: Vozes, 2001. p.39.



pensamentos escritos no medievo tentando, de alguma maneira, sobressair aos discursos oficiais, assim como Michel Foucault<sup>68</sup> os percebe na *Ordem do Discurso*, "creio que essa vontade de verdade assim apoiada sobre um suporte e uma distribuição institucional, tende a exercer sobre outros discursos [...] uma espécie de pressão e como que um poder de coerção". Sendo assim, discursos como o de Christine de Pizan e Maria de França criam a necessidade de decifrar a Idade Média e como as mulheres compõem, enquanto agentes sociais, esse cenário. Essa necessidade em decodificar o medievo, permitiu que textos tais como os de Christine de Pizan, Maria de França entre outras escritoras<sup>69</sup> que se esquivaram de momentos históricos, quando discursos que buscavam a "vontade de verdade", interrogando a si mesmas e aos seus leitores. Projetaram um cenário incomodo para autores ou seguidores das doutrinas dos pais da Igreja que, possivelmente, eram considerados, por parte dessa comunidade cristã, como detentores de saberes absolutos, a exemplo de Tomas de Aquino.

Essa "vontade de verdade" não se limitava a um alto clero ou nobreza. Aquelas e aqueles que não fossem leitoras ou leitores também podiam ter acesso aos textos como os de Pizan. Na Idade Média, havia uma prática comum de leitura de textos em voz alta, permitindo a troca de saberes entre pessoas que trabalhavam e que não detinham o conhecimento da leitura. As mulheres e homens que pertenciam às ordens sociais mais baixas de áreas rurais ou mesmo urbanas tinham relativa igualdade, quando se tratava do quesito analfabetismo. Portanto havia uma ausência generalizada de letramento. Ao analisar uma realidade em que a vida dos camponeses se resume na relação direta com a natureza, quando o plantio era estabelecido pelas estações do ano, com a ausência completa ou quase completa da palavra escrita. Seria fácil inferir que a necessidade de alfabetização não estaria entre suas prioridades. Os ensinamentos necessários para a reprodução das atividades necessárias eram passados das mães ou dos pais para seus filhos e filhas, através da cultura oral e entre os membros dessa sociedade medieval; amigos, vizinhos, etc.<sup>70</sup>

Como visto acima, entre a ordem da nobreza, alto clero ou uma burguesia em processo de ascensão social, essa situação deve ser estudada com cuidado. Rucquoi

---

<sup>68</sup> FOUCAULT, Michel. **Ordem do discurso**. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. 24ª Ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014, p.17.

<sup>69</sup> A profissão de escritor(a) ainda não existe formalmente, portanto aqui é usado apenas para que se entenda a atuação de Christine de Pizan. Por ter sido uma das primeiras a manter sua família através de sua produção literária foi considerada por alguns historiadores como a primeira escritora profissional. Cf. Macedo, 2002.

<sup>70</sup> RUCQUOI, 1978, n. p.

apresenta uma citação de Emmanuel Le Roy Ladurie (1294-1324), da obra intitulada *Montaillou, village occitan*, quando se refere aos povos dos Pirineus orientais “O discurso feminino, portanto está, neste período, tão carregado de sentido e de seriedade quanto o discurso masculino”. Entre as mulheres do clero, Rucquoi diz que desde o século VI às monjas era exigido saber ler e escrever. Portanto, até o século XIII, era “dado uma educação e uma cultura não apenas as que seriam monjas, mas também destinada as mulheres laicas”.<sup>71</sup>

A autora apresenta como prova desse processo de educação e questionamento das mulheres ao dizer:

Um teste do interesse intelectual das mulheres nesta época é no parágrafo que foi adicionado ao *Sachsen spiegel* – compilação de costumes germânicos - de costumes em 1270: ‘Sendo verdade que os livros são lidos mais pelas mulheres, devem, portanto, tê-los como herança.’ Com esta declaração, já estamos longe da visão tradicional da mulher analfabeta medieval, sem cultura, relegados para as tarefas mais humildes.<sup>72</sup>

Os movimentos heterodoxos ou heréticos como Cátaro, Valdense, ou Hussita, que surgem entre os séculos XI e XV também se somam a esse cenário de relativa promoção da mulher no nível religioso e ideológico enquanto o catolicismo as negava.

Com o desenvolvimento das escolas comunais<sup>73</sup>, na França, a partir do século XIII que criaram um ambiente para que essas mulheres possam ter acesso à educação formal. “Enquanto em Paris, em 1272, possuía onze escolas para meninos e apenas uma para meninas, em 1380 se contavam vinte mais para as meninas.”<sup>74</sup> A existência das escolas para meninas em Paris, e seu crescimento notório, torna compreensiva tanto a existência de uma mulher como Christine de Pizan, quanto sua rentabilidade financeira com produções literárias. A atuação enquanto escritora para Pizan era uma profissão que garantia o sustento de sua família e não apenas um passatempo para suas horas livres, comum a uma alta nobreza. Roncière contrapõem com o contexto italiano,

---

<sup>71</sup> Ibidem, 1978, n. p.

<sup>72</sup> Ibidem, 1978, n. p.

<sup>73</sup> Essa pesquisa não tem por objetivo construir uma constituição completa da história das escolas na Europa Medieval, portanto não se afirma aqui que não houve escolas antes desse período. Sabe-se que escolas surgiram e desapareceram durante os séculos anteriores, em cada período com suas características e contextos específicos. Entretanto no período estudado é notório um crescimento das escolas comunais, e este é o objeto relevante para analisar a fonte escolhida.

<sup>74</sup> RUCQUOI, Op. Cit., 1978, n. p.

descrevendo que em 1338 nas escolas de Florença “a oportunidade da instrução feminina é apaixonadamente discutida, e muitos moralistas são hostis a ela.”<sup>75</sup>

Dando sequência à análise de ordem social presente no contexto de Christine de Pizan, o foco será direcionado para o título da obra – *Le Livre de Cité des Dames*<sup>76</sup> – tal como seu texto. Analisar-se-á a estrutura, e modelo literário da obra, para compreender como se enquadram as damas medievais às Damas da obra.

## 1.2. Moradoras da cidade: Mulheres ou Damas?

Abatida por esses pensamentos tristes, eu baixava a cabeça de vergonha. Os olhos repletos de lágrimas, as mãos na face, apoiava-me no braço da poltrona, quando repentinamente vi cair no meu colo um feixe de luz, como se fosse um raio de sol penetrando ali, naquele quarto escuro, onde o sol nunca poderia entrar naquela hora, então despertei-me em sobressaltos, como quem acorda de um sono profundo. Erguendo a cabeça para olhar de onde vinha aquele clarão, vi elevarem-se diante de mim três damas coroadas, de quão alta distinção. O esplendor, que de suas faces emanavam, arrojava-se sobre mim, iluminado todo o compartimento. Inútil perguntar se fiquei deslumbrada, sobretudo porque as três damas conseguiram entrar, apesar das portas estarem fechadas. Temendo que fosse alguma visão tentadora, fiz sinal da cruz na testa, tão grande era meu medo.<sup>77</sup>

A citação é o momento em que a personagem Christine de Pizan<sup>78</sup> vê Três Damas pela primeira vez em sua sala. Em um momento de profunda tristeza e vergonha demonstrando através da descrição de seu corpo, com a cabeça baixa, lágrimas nos olhos e mãos na face. Christina de Pizan se encontra em seu quarto escuro, distante da possibilidade de qualquer luz solar. Inclusive, esse é um dos elementos que se destaca na narrativa “a importância de um espaço próprio para abrigar o processo de escrita, o ‘quarto só seu’ de que fala Virgínia Woolf, cinco séculos mais tarde, em *A room o*

<sup>75</sup> DUBY, Georges. **Idade Média, Idade dos Homens**: Do amor e outros ensaios, Trad. Jônatas Batista Neto. São Paulo: Companhia das Letras. 2009, p. 287.

<sup>76</sup> Entre as traduções mais recentes para a língua portuguesa temos PIZAN, Christine de. **A Cidade das Mulheres**. Trad. Ana Nereu, Lisboa: Coisas de Ler, 2007 em Portugal e PIZAN, Christine de. **A Cidade das Damas**. Trad. Luciana E. de F. Calado Deplagne. Florianópolis: Editora Mulheres, 2012 no Brasil. Portanto há um interessante objeto de estudo para descobrir o que levou a criar essa diferença significativa entre dois países de língua portuguesa a optarem por traduções diferentes para a palavra Damas em francês, porém este não estará no horizonte de análise nessa pesquisa.

<sup>77</sup> PIZAN, 2012, p.61

<sup>78</sup> Nesse momento seria necessário um esclarecimento das diferentes Christines de Pizan será abordada nessa pesquisa. A primeira Christine de Pizan é a escritora medieval, mulher que viveu durante o século XIV e XV, entre os anos de 1363 e 1430. A segunda, e essa é a que estou mencionando nessa parte do texto, é a personagem na obra A Cidade das Damas. Não se deve confundi-las, enquanto uma é quem escreve a obra a outra é quem vivencia a obra em sua plenitude.

one'own.”<sup>79</sup> As damas que surgem são descritas com coroas, demonstrando de alta linhagem e distinção, assim como a própria autora salienta. E elas se revelam com a luz (da verdade).

Lucimara Leite<sup>80</sup>, em sua tese de doutoramento, analisa duas obras de Christine de Pizan, *Cité des Dames* e *Trois vertus*<sup>81</sup>, para analisar os modelos de escritas *Specula*<sup>82</sup> e *Exempla*. Através do estudo destas fontes, Leite consegue realizar um mapeamento sobre a educação das mulheres na França medieval dos séculos XII ao XV. De acordo com a pesquisadora, os eruditos começam a se preocupar com a educação e comportamento de homens e mulheres por volta dos séculos XII e XIII. Estes modelos de escrita, acima citados, e sua disseminação a partir deste período são provas dessa preocupação.

No caso de *A Cidade das Damas*, Pizan utiliza predominantemente o modelo de *exemplum*, que surge na França na segunda metade do século XIII. “Na maior parte dos casos, a mensagem tem por objetivo incutir um modelo de comportamento.”<sup>83</sup> Esse modelo de escrita tem por público alvo pessoas comuns, utilizando de narrativas simples para que os leitores não se cansem ou se desinteressem com assuntos abstratos. Esse modo de escrita pode-se observar em diversos momentos da narrativa, como no capítulo XVIII do livro primeiro, em que a Dama Razão conta-lhe a seguinte história sobre as Amazonas:

Que mais devo dizer-te? As amazonas fizeram tanto, graças à sua força física, que foram temidas e respeitadas em todas as partes. Sua fama chegou até a Grécia, que era bastante longe: falava-se de como elas continuavam invadindo e conquistando terras, e como devastavam aquelas regiões que não se tinha nenhuma força capaz de opor-se a elas. Isso deixou os gregos assustados, temendo que o poder das Amazonas se estendesse até às suas terras. Vivia na Grécia, no auge da sua juventude, o forte e extraordinário Hércules. [...] Hércules disse que não era o caso de esperar um ataque das Amazonas, melhor seria invadi-las primeiro. [...] Teseu, que era rei de Atenas, soube dessa notícia, disse que não poderiam ir sem ele. Assim, uniu seu

<sup>79</sup> CALADO, Luciana Eleonora de Freitas. **A Cidade das Damas**: a construção da memória feminina no imaginário utópico de Christine de Pizan. 2006. 368 f. Tese (Doutorado) - Curso de Teoria Literária, Departamento de Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006, p. 12.

<sup>80</sup> LEITE, Lucimara. **Christine de Pizan**: uma resistência na aprendizagem da moral de resignação. 2008. 228f. Tese (Doutorado) – Curso de Línguas e Literatura Francesa e Estudos Medievais, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP. São Paulo, SP, 2008.

<sup>81</sup> Primeira versão portuguesa de *Trois vertus* foi encomendada pela rainha Isabel em 1447-1455, de um apógrafo levado provavelmente por seu pai, o infante Pedro, única versão conhecida dessa versão está conservado na Biblioteca Nacional de Madri sob o título: *Tratado de las virtudes de las señoras*.

<sup>82</sup> Ibidem, 2008.

<sup>83</sup> Ibidem., p. 40.

exército ao de Hércules, e navegaram em grande número de guerreiros valentes que o acompanhavam, Hércules não ousou invadir aquelas terras durante o dia, temendo a força e a coragem delas. Seria difícil acreditar, se não fosse os depoimentos de tantas histórias, que aquele homem invencível pela sua potência física temesse a força daquelas mulheres. Então, Hércules e seu exército esperaram a calada da noite, hora em que todos os mortais repousam e dormem, para saírem de seus navios e invadirem a cidade e atacarem as Amazonas que, pegas de surpresa, não estavam em sentido de alerta[...].<sup>84</sup>

No trecho inicial do capítulo citado, pode-se observar como Christine de Pizan desenvolve sua narrativa de forma a apresentar a força das amazonas, mostrando a partir desse exemplo que as mulheres já teriam sido temidas por sua formação bélica, igualmente aos homens, contemporâneos de Pizan. A autora utiliza, em sua narrativa, personagens mitológicas como Hércules e Teseu, atribuindo a estes preocupações e receio, motivados pela força física e, também pelo poder de expansão territorial conquistado pelas Amazonas. Pizan exemplifica a determinação que as mulheres têm quando assim o querem e lhes é permitido. Desta forma, a autora constrói sua obra no modelo de *exemplum*, com o objetivo de atingir um público alvo de pessoas letradas, porém sem alto nível de educação erudita, além de pessoas não letradas como camponeses através da leitura das obras para grupos de pessoas.<sup>85</sup>

Entretanto, o modelo *Exempla* não é o único instrumento usado por Pizan em sua escrita. Podemos encontrar, também, as alegorias, anteriormente mencionadas, presentes nas três Damas, sendo possível analisa-las pela ordem de suas aparições e pelas histórias que são contadas por cada uma das Damas; também é apresentada por Pizan a origem e função das Damas. O caráter alegórico das orientadoras que auxiliam Pizan na construção da Cidade será analisado durante o segundo capítulo deste trabalho. Com o objetivo de compreender o uso das alegorias na narrativa de Pizan para a construção de uma Cidade das Damas além do texto. Portanto, qual ou quais seriam os perfis das mulheres durante o final da Idade Média na Europa Ocidental? Especificamente no reino Francês?

Rucquoi defende uma sociedade medieval na busca pela vida em coletividade, onde indivíduos que vivem isolados são considerados estranhos, exóticos, que transmitem desconfiança. Por evitar essa exclusão e também para conquistar certa segurança tanto homens quando mulheres buscavam viver “em uma família, uma

---

<sup>84</sup> PIZAN, 2012, p.105-106.

<sup>85</sup> LEITE, 2008.

paróquia, uma confraria, um grêmio, uma comunidade”.<sup>86</sup> Essa coletividade está presente na construção da Cidade das Damas, quando a Dama Razão lhe diz:

Há uma razão ainda mais particular e mais importante para nossa vinda, que saberás através do nosso diálogo: deves saber que foi para afugentar do mundo este erro, no qual caíste, para que as damas e outras mulheres merecedoras possam, a partir de agora, ter uma fortaleza onde se retirem e se defendam contra tão numerosos agressores.<sup>87</sup>

A mulher na sociedade medieval está inserida na ordem universal, estipulada pela criação divina. Consequentemente, o cristianismo contribuiu para estruturar a menor presença das mulheres na esfera pública em contraste a maior presença na esfera privada. Porém, não se pode esquecer que não há um modelo padrão de mulher nessa sociedade Medieval. Por isso, Macedo<sup>88</sup> defende que “as mulheres distinguiam-se entre si pela posição que ocupavam na sociedade medieval, pela faixa etária, pela instrução, por suas opções e ideais de vida”.

Em Florença no início do século XIV, as funções e objetivos de uma educação têm suas particularidades, de acordo com suas responsabilidades sociais. E por diversas vezes está vinculada a sua posição social, ao desejo da família em casá-la com algum aristocrata, seja ele nobre ou burguês.<sup>89</sup> Então, é possível inferir que “as damas e outras mulheres” citadas acima por Pizan, correspondem a diferentes indivíduos da sociedade medieval. Desse modo, se deve concluir que todas as damas são mulheres, porém nem todas as mulheres são damas. Christine de Pizan escreve às mulheres’ (e aos homens) letradas ou não, as quais podem desfrutar da leitura individual ou em voz alta, direcionada ao público. Entretanto, sua Cidade das Damas estaria aberta a todas as mulheres da sociedade medieval? Quem afinal pode viver nessa cidade? Todavia, antes da análise das moradoras da Cidade é necessário conhecer as funções da cada uma das três Damas.

### **1.3. As Virtudes Divinas: quando as Damas se apresentam**

A primeira Dama se chama Razão. Antes de se apresentar a Christine, Razão lhe fala um pouco sobre a árdua tarefa que tem pela frente na construção da Cidade:

---

<sup>86</sup> RUCQUOI, 1995, p. 11.

<sup>87</sup> PIZAN, 2012, p. 66.

<sup>88</sup> MACEDO, 2002, p. 10.

<sup>89</sup> DUBY, 2009.

Desse modo, bela filha, foi a ti concedido, entre todas as mulheres, o privilégio de projetar e construir a Cidade das Damas. E, para realizar essa obra, apanharás água viva em nós três, como em uma fonte límpida; nós te entregaremos materiais tão fortes e mais resistentes do que mármore fixado com cimento. Assim, tua Cidade será de uma beleza sem igual e permanecerá eternamente neste mundo. Não leste como o rei Tros fundou cidade de Troia, com a ajuda de Apolo, de Minerva e de Netuno, que os povos de outrora consideraram como deuses, e também como Cadmus fundou a cidade de Tebas sob a injunção divina? Todavia, com o tempo, aquelas cidades se desmoronaram e caíram em ruína. Mas eu te profetizo, com a nossa ajuda, nunca se findará na inexistência. Ela será, ao contrário, sempre próspera, apesar da inveja de todos seus inimigos; ela sofrerá vários ataques, mas nunca será tomada ou vencida. A história te ensina que o reino da Amazônia foi outrora estabelecido graças à iniciativa das numerosas mulheres cheias de coragem que desprezavam a condição de escravas. Elas o mantiveram, durante muito tempo, sob o império sucessivo de diferentes rainhas: eram damas muito ilustres, eleitas por elas e que as governavam sabiamente, conservando o Estado em toda sua potência. No tempo do seu reinado, elas conquistaram uma grande parte do Oriente e semearam pânico nas terras vizinhas, fazendo até os habitantes da Grécia, que era, então, a flor das nações. E, no entanto, apesar dessa força e desse império, seu reino – como acontece com qualquer potência - acabou desmoronando, de maneira que hoje só o nome sobrevive. Mas, anuncio-te, como uma verdadeira Sibila, que o edifício da Cidade que tens a tarefa de construir, e que edificarás, será bem mais forte. De comum acordo, decidimos todas três que eu te fornecerei a argamassa resistente e incorruptível, para que possas fazer fundações sólidas, e que possas levantar, em torno, grandes muros altos e espessos, com suas altas torres largas, com os bastiões e baluartes, como convém a uma cidade que deverá defender bem e por muito tempo. Como aconselharemos, lançarás com bastante profundidade as fundações, para que fiquem bem seguras, e levantarás, em seguida, os muros a uma altura tal que não temerão nenhum adversário. Filha, expliquei-te as razões de nossa vinda e, para que minhas palavras tenham mais peso, quero agora revelar meu nome. Só em escuta-lo saberás que tens em mim, se quiseres escutar realmente meus conselhos, uma guia e uma diretriz para acabar tua obra sem nunca cometer erros. Chamo-me Dama Razão; agora sabes que estás em boas mãos.<sup>90</sup>

Christine de Pizan não apenas apresenta uma Dama em sua narrativa, mas constrói uma argumentação através de exemplos, de Troia, Tebas e das Amazonas, tornando sua tarefa de construir uma cidade para que as mulheres possam estar seguras, uma vida de que atravesse os tempos e que resista a qualquer inimigo. Pizan neste trecho também expressa a principal forma de se conseguir a durabilidade, resistência e incorruptibilidade de uma cidade. Para que isso aconteça é necessário seguir fielmente

---

<sup>90</sup> PIZAN, 2012, p.67-68.

os conselhos da Razão, antes de todos. Sem as diretrizes apresentadas pela Dama Razão, que se apresenta no final da citação acima, a Cidade das Damas jamais teria lugar no tempo. Razão afirma a existência de inimigos e invejosos, por isso a Cidade deverá ser resistente e com excepcional defesa, podendo permanecer eternamente nesse mundo. Ao citar as cidades de Tróia, Tebas e o império das Amazonas, a Dama Razão salienta o fato de terem caído, ainda que possuíssem a ajuda de Apolo, Minerva e Netuno, quem ela afirma que eram considerados Deuses pelo povo da época. Aqui poder-se-ia dizer que Pizan costura uma superioridade do Deus cristão sobre os demais, quando a Dama afirma que “se quiseres escutar meus conselhos [...] para acabar tua obra sem nunca cometer erros”<sup>91</sup>, e mesmo que a Cidade das Damas receba vários ataques, ao contrário das cidades construídas com ajuda dos antigos Deuses, a das Damas de Deus, será “sempre próspera”. Talvez a referência aos deuses seja uma menção do desvio de caminho, já que os detentores do saber antigo não sabiam como chegar ao Deus cristão e se perdiam no meio do caminho, sem conseguir decifrar os deuses. Agora, Pizan é detentora deste saber e sabe como decifrá-lo para encontrar a sabedoria necessária para a construção de sua cidade, ela, agora, consegue eternizá-la.

Assim que a Dama Razão terminou de falar a próxima iniciou seu discurso, com objetividade, apresenta-se e diz a Christine de Pizan como poderá ajudá-la na criação da Cidade.

Chamo-me Retidão. Moro mais no céu do que na terra, e a luz divina resplandece em mim que sou a mesma mensageira da bondade. Frequento os justos e os encorajo a fazer o Bem, a dar a cada um aquilo que lhe pertence no melhor de seu poder, a dizer e a defender a verdade, a defender o direito dos pobres e dos inocentes, a nunca se apossar do bem do outro, a provar a inocência dos caluniados. Eu sou o escudo e a defesa daqueles que servem a Deus. Faço obstáculo à força e à potência dos perversos. É através de mim que Deus revela seus segredos àqueles que ele ama; sou sua advogada no céu. Faço recompensa as penas e os benefícios. Seguro, na minha mão, uma espécie de bastão resplandecente que é a régua que separa o bem do mal e o justo do injusto: quem a segue nunca se desviará. Os justos se unem a esse bastão da paz e se apoiam nele; já os perversos, com ele, levam pancadas e surras. Que tenho mais a dizer? Traçam-se os limites de todas as coisas com esta régua, pois suas virtudes são abundantes. Saiba que ela te será útil para medir as construções da Cidade que deves levantar: terás muita necessidade dela nos prédios, para erguer os grandes templos; construir e desenhar palácios, as casas e todos os empórios, as ruas, e as praças, e para te ajudar em tudo que for necessário para o povoamento de uma cidade. Vim para ajudar-te, e tal será meu papel. Se o diâmetro e circunferência das paredes, dos

---

<sup>91</sup> PIZAN, 2012, p. 68.



portões te parecem grandes, não te assustes; com a ajuda de Deus e a nossa, tu o concluirás, preenchendo, enfim o espaço de belas residências e magníficas mansões, sem deixar o menor espaço vazio.<sup>92</sup>

Com a Dama Retidão será possível uma construção com a garantia de que suas edificações, ruas, praças e demais detalhes da Cidade tenham as proporções corretas e em comum acordo com Deus. A escrita de Pizan constantemente cita aprovação religiosa, através de afirmações como “com a ajuda de Deus e a nossa” no trecho mostrado acima. Busca-se a legitimidade cristã, presente na sociedade medieval.

Por último pronuncia-se a terceira Dama,

Amiga Christine, eu sou a justiça, a filha predileta de Deus, e minha essência precede diretamente de sua pessoa. Minha morada é tanto no céu, como na terra ou no inferno: no céu, para a glória dos santos e das almas bem-aventuradas; na terra, para distribuir a cada um a parte de bem e de mal que ele merece; no inferno para punir os indivíduos de má índole. Não pendo para nenhum lado, porque não tenho nem amigo nem inimigo e minha vontade é inatingível; a piedade não pode me vencer, a crueldade não me comove. Meu único dever é julgar, distribuir e dar a cada um o que ele merece. Eu defendo a ordem de cada Estado, e nada dura sem mim. Estou em Deus e Deus está em mim, pois somos, digamos assim, uma única e mesma coisa. Quem me seguir não conseguirá pecar; meu caminho é certo. Aos homens e mulheres de alma sãs que querem crer em mim, ensino a se corrigirem, a se reconhecerem e a primeiro se ressarcirem, a fazer com os outros o que eles gostariam que fizessem com eles, a distribuir o bem sem favoritismo, a dizer a verdade, a fugir da mentira e a odiá-la, a rejeitar qualquer vício. Vês, em minha mão direita, uma taça de ouro fino que parece uma medida de bom tamanho. Deus, meu pai, deu-me. Ela serve para que eu dê a cada um o que ele merece. Ela é gravada com a flor-de-lis da trindade e ajusta-se a qualquer porção, e ninguém poderá reclamar daquilo que é acordado por mim. Os homens daqui de baixo têm outra medida, que eles dizem ser no mesmo modelo que a minha, mas eles se enganam. De vez em quando, eles fazem menção a mim em seus julgamentos, mas a medida deles, para uns generosa demais e para outros demasiadamente magra, nunca é justa. Poderia ficar conversando por muito tempo sobre as particularidades do meu dever, mas, para resumir, tenho um *status* especial entre as virtudes. Todas, aliás, referem-se a mim. E nós três, que aqui estamos, somos, digamos assim, uma só, na medida em que não conseguimos nada uma sem a outra. O que a primeira propõe, a segunda organiza e aplica, e eu, a terceira, dou o acabamento e concluo. Foi para isso que todas três puseram-se de acordo: para que eu viesse em tua ajuda para dar o acabamento e terminar a tua Cidade. Ficará, sob a minha responsabilidade, fazer o teto e os telhados das torres, as residências suntuosas e as mansões, que serão todos de ouro fino e brilhante. Enfim, eu a povoarei de mulheres ilustres para ti e trar-te-ei uma altiva rainha; a quem as outras damas, mesmo as mais nobres, render-lhe-ão homenagem e obediência. Assim, com tua ajuda, tua cidade será

---

<sup>92</sup> PIZAN, 2012, p. 69.

concluída, fortificada e fechada com portas pesadas, que irei buscar no céu para ti, antes de colocar a chave nas tuas mãos.<sup>93</sup>

A Dama Justiça se apresenta enquanto uma espécie de trindade, constituindo uma relação com as outras duas Damas de certa unidade, “E nós três, que aqui estamos, somos, digamos assim, uma só” onde uma é dependente da outra. A Justiça é a mais próxima de Deus, portanto é quem tem maior autoridade entre as Damas. Portanto há uma ordem hierárquica entre as três, o que é bastante comum para o contexto medieval, no qual havia uma ordem natural pré-estabelecida. Ordem que está presente neste trecho, como quando Dama Justiça diz; “tenho um *status* especial entre as virtudes.” Neste caso Justiça não está ao lado da Razão e da Retidão, mas acima, com maior importância. Porque sem sua presença nenhuma sociedade se sustenta, nem mesmo a Cidade das Damas, pois ela mesma disse: “Eu defendo a ordem de cada Estado, e nada dura sem mim”.<sup>94</sup>

Dama Razão é responsável por projetar e dar início a construção da Cidade das Damas, atuando muito mais no âmbito das ideias, pois, não se apresenta com nenhum instrumento ou relíquia se comparadas as Damas seguintes, que detêm funções diferentes. A Dama Retidão com seu bastão/régua, “uma espécie de bastão resplandecente que é a régua que separa o bem do mal e o justo do injusto”<sup>95</sup>, com ele Retidão tem o poder de garantir que a construção da Cidade está em seu caminho correto e sem desvios, assegurando assim sua durabilidade no tempo e no espaço. Certifica-se de que haverá boas moradas, casas e mansões, empórios, templos e palácios, ruas e praças, sem deixar espaço algum sem uma função, comprometendo a ajudar a extinguir qualquer insuficiência que possa surgir para o povoamento da Cidade.

Por fim, a Dama Justiça é quem tem a função de garantir seu equilíbrio, cobrindo todas as edificações e finalizando-as com ouro fino, construindo suas torres e telhados. Traz consigo, em sua mão direita, uma taça com a flor-de-lis da trindade gravada, feita de ouro fino. Com essa taça Justiça é capaz de dar a cada qual o que este merece, tendo a taça o poder de ajustar-se a qualquer porção. Por intermédio da Dama Justiça a Cidade das Damas será povoada com mulheres ilustres, sem dar exclusividade para mulheres nobres, ou seja, não serão apenas Damas que povoarão a Cidade, mas outras mulheres, contanto que sejam ilustres, famosas. Esta fama está atribuída à memória, a história. Para reinar sobre a Cidade, Pizan, através da Dama Justiça escolhe

---

<sup>93</sup> PIZAN, 2012, p.70-71.

<sup>94</sup> Ibidem, p.70.

<sup>95</sup> Ibidem, p. 69.

a imagem de mulher mais ilustre entre as autoridades santificadas do Cristianismo, Maria, mãe de Jesus, “a quem as outras damas, mesmo as mais nobres render-lhe-ão homenagem e obediência”.<sup>96</sup> Portanto, aqui é traçado uma linha entre as mulheres que podem entrar na cidade, das que não podem. E esta linha foi baseada em critérios morais e religiosos.

Pizan não deixa de realizar diversas críticas à sociedade na qual está inserida e, por intermédio da Dama Justiça, diz que os “homens daqui de baixo têm outra medida, que eles dizem ser no mesmo modelo que a minha, mas eles se enganam.”<sup>97</sup> A medida de justiça que os homens utilizam é falha, não corresponde à medida perfeita, ditada pela Dama Justiça, filha de Deus. Críticas como essa estão presentes em inúmeras páginas da obra *A Cidade das Damas* e outros textos de Christine de Pizan.

Portanto ao analisar a relação entre a ordem social estipulada pela Igreja e a ordem natural reconhecida através da comparação entre seu universo interior e o universo exterior, busca-se compreender quem somos neste mundo. Este sentimento compõe em Pizan a “vontade de verdade”. Marcado o encontro com as Damas, virtudes de Deus, a personagem conhece o perfil de cada uma delas e entende qual seu papel, ao construir uma cidade para as mulheres ilustres, virtuosas. Para que todas que seguirem este caminho possam viver tranquilas nessa cidade, entretanto, não toda e qualquer mulher. Apenas as que forem ilustres. No capítulo seguinte serão analisados alguns intelectuais, buscando entender o movimento literário significativo entre os séculos XII e XV, conhecido como *querelle de la rose*. Uma vez entendido, será realizado uma discussão sobre as alegorias em *A Cidade das Damas*, buscando compreender a função delas em seu contexto histórico.

---

<sup>96</sup> PIZAN, 2012, p. 71.

<sup>97</sup> *Ibidem.*, p. 71.

## 2. *QUERELLE DES FEMMES* OU QUERELA DE CHRISTINE DE PIZAN?

### 2.1. A tempestade: debate intelectual sobre mulheres nos séculos XIII-XV

Ah! pobre de mim, que tanto amei que por amor me tornei bígamo. [...] Ah! tenho agora o coração triste demais, pois ela agora é tão sarnenta, curvada, corcunda e barriguda, desfigurada e desfeita que parece um disforme ser. Raquel se tornou Lia, toda grisalha, toda encanecida, rude, senil e surda, em tudo o que faz é vil e pesada; tem o peito duro e suas mamas, que costumavam ser tão belas, estão franzidas, negras, enxovalhadas como bolsas de pastor molhadas.<sup>98</sup>

Quando Christine se depara com a leitura de *Mateolo*<sup>99</sup>, citada no trecho acima, afirma que a obra não tem nenhuma autoridade, ainda assim essa leitura a deixou reflexiva e profundamente atordoada. Em diversos textos, durante a Idade Média, as abordagens de temas sobre as mulheres eram feitas através de *auctoritates*.<sup>100</sup> O que predominava eram referências a uma visão fortemente difundida no mundo cristão, que afirmava a mulher enquanto inferior ao homem. Ou seja, os intelectuais e escritores medievais até meados dos séculos XII e XIII, em seus textos, ao retratar moralmente as mulheres, não o faziam diretamente. O faziam através da utilização de uma espécie de textos bíblicos ou de autoridades reconhecidos pela Igreja, como por exemplo, Agostinho e Aristóteles.

Entretanto, essa característica gradativamente se transforma com o surgimento de obras difamatórias<sup>101</sup> sobre as mulheres. Como no trecho citado acima, não há mais retorno a textos clássicos com o objetivo de obter legitimidade na inferioridade das mulheres. Como se observa na citação, Raquel que se tornou Lia, é descrita com adjetivos depreciativos, indicados diretamente pelo próprio escritor da obra. Esse fenômeno gera, conseqüentemente, uma reação entre homens e mulheres com a produção de textos em forma de respostas a essas difamações. Essas ocorrências

<sup>98</sup> Jehan Le Fèvre, *Les Lamentations de Matheolus*, (1, v. 672-8) apud BLOCH, R. Howard. **Misoginia medieval e a invenção do amor romântico ocidental**. Trad. Claudia Moraes. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995. p. 68.

<sup>99</sup> O excerto citado no início do capítulo não é encontrado no texto da *A Cidade das Damas*, porém a obra da qual foi retirado o trecho é a mesma citada por Christine de Pizan no início de seu livro.

<sup>100</sup> De acordo com Roger Chartier (2012) "...a "função de autor" [residia] nesses mecanismos que atribuem aos escritores em língua vulgar, aos autores então contemporâneos, os princípios de designação e de assimilação tradicionalmente reservados aos *auctoritates*, ou seja aos escritores cristãos e aos da Antiguidade."

<sup>101</sup> Cf. FONSECA, Pedro Carlos Louzada. Fontes literárias da difamação e da defesa da mulher na Idade Média: Referências obrigatórias. MASSINI-CAGLIARI, Gladis et al. Série Estudos Medievais, v. 2, p. 168-188, 2012.

evidenciam, através da escrita, um lugar para a mulher na sociedade medieval. Acontecimentos como esses ficaram conhecidos com o nome de *Querelle des Femmes*.

A querela desenvolvendo-se na forma de um “debate literário criado como consequência da dialética entre os textos a favor e contra a mulher, o qual surgiu, principalmente, após a discussão em torno ao *Roman de la Rose*<sup>102,103</sup>. O modo que as mulheres eram tratadas pela sociedade medieval não usava como medida apenas a postura de *Mateolo*, personagem da obra traduzida do latim por Jehan Le Fèvre<sup>104</sup> (1395-1468), chamada *Liber Lametationum Matheoluli*<sup>105</sup>. Mas é evidente o desconforto que esta obra causa em Pizan, a ponto de provocar na autora forte influência na escrita de suas obras. Por consequência em *A Cidade das Damas* a obra *Mateolo* é citada diretamente. Pode-se comprovar este incomodo em sua escrita, quando Pizan descreve sua relação com a obra. “Abri-o, então e observei no título que se tratava de *Mateolo* [...] a leitura daquele livro, apesar de não ter nenhuma autoridade, suscitou em mim uma reflexão que me atordoou profundamente.”<sup>106</sup> Ao afirmar que o livro não teria autoridade alguma, Pizan desconsidera seu conteúdo, desqualificando-o. Mas ainda assim, sua temática causou-lhe profunda reflexão.

Em consequência dessa preocupação, pode-se inferir que Pizan reconhece que o texto faz parte da expressão de um pensamento coletivo parcial. Reconhece-se, portanto, a existência de pessoas que compartilham e compactuam desse pensamento, o qual tratam as mulheres de maneiras semelhantes à forma como *Mateolo* descreve sua esposa. Christine de Pizan notoriamente discorda desse modo de pensar sobre as mulheres. Não satisfeita em apenas discordar, escreve o livro *A Cidade das Damas*, no qual, além de questionar tal postura, apresenta seu olhar sobre quais devem ser as funções das mulheres na sociedade, que devem ser respeitadas e como devem ser tratadas. Todavia Christine de Pizan não é um caso isolado, como se pode observar.

A pesquisadora Cláudia Costa Brochado analisa outra escritora medieval, Isabel de Villena que viveu no contexto Ibérico durante os anos de 1430 e 1490. Esta escritora

---

<sup>102</sup> Romance da Rosa é um poema francês a respeito de um sonho sobre o amor, com uso de alegorias. A obra foi escrita em duas partes, à primeira foi escrita por Guilherme de Lorris na década de 1230 e a segunda foi escrita cerca de 40 anos depois, por Jean de Meau. O debate foca-se principalmente na segunda parte do poema, que possui caráter mais filosófico e mundano.

<sup>103</sup> BROCHADO, Cláudia Costa. **A querelle des femmes**. Textos de História. Revista do Programa de Pós-graduação em História da UnB, v. 9, n. 1-2, 2001, p. 31.

<sup>104</sup> De acordo com R. Howard Bloch (1995), Jehan fazia parte da Querela da Rosa, tal como o inglês Chaucer, e é apresentado pelo seu editor moderno como um clérigo que possuía o título de *magister* e morava em Paris “onde não se negava nenhum prazer”.

<sup>105</sup> Texto foi traduzido do latim para o francês, recebendo o título de *Les Lamentations de Matheolus*.

<sup>106</sup> PIZAN, 2012, p. 58.

também se encontrou em situação semelhante à de Christine de Pizan. A obra que lhe causou inquietações foi escrita por Jaume Roig, intitulada *Llibre de les Dones, o Spill*. A partir de suas reflexões, Villena escreveu a obra *Protagonistes Femenines a la "Vita Christi"*.<sup>107</sup> Nesse caso, ambas as escritas, de Roig e Villena, tem forte teor religioso, se comparadas às de Pizan. Enquanto Villena foi criada e viveu em ambiente cortesão, Roig foi escritor e médico de profissão, chegando a ser médico da rainha Maria de Castela. As duas obras retratam temas semelhantes, porém com perspectivas diametralmente contrárias.<sup>108</sup>

O movimento de difamação da mulher, reforçando sua inferioridade, não se limitou ao campo literário, influenciando outras áreas como a medicina. Bloch apresenta o caso de Bernard de Gordon, professor de medicina na universidade de Montpellier, que em sua obra *Lilium medicinae*, afirma que a “[...] fonte da doença chamada *Heroes* [Eros] é uma ansiedade melancólica causada pelo amor de uma mulher.”<sup>109</sup> Outra obra que remete a uma indicação de mulher identificada como ardilosa e traiçoeira foi *Lai d'Aristote*<sup>110</sup>. O personagem *Mateolo*, na obra *Lamentations*, usou dessa parábola do triunfo da mulher sobre a filosofia, para agregar autoridade ao texto.

A mulher é retratada nesta obra, [...] escrita em vernáculo na Idade Média, e que pode ser considerada como a que acendeu a Querela da *Rose*, como aquela cuja interferência com o sentido unívoco é equiparada ao ruído, ou à condição secundária definidora das palavras materiais em relação ao Ser na versão jeovista original da história de *Gênesis*.<sup>111</sup>

As diferenças significativas entre as obras de Isabel de Villena e Jaume Roig, segundo Brochado são muitas. Os dois buscam argumentar qual a função da mulher na sociedade, construindo em cada texto uma diferente indicação de mulher. Como por exemplo, quando o personagem no texto de Roig justifica as razões para as mulheres

<sup>107</sup> Brochado utiliza estas versões para realizar sua pesquisa; I. DE VILLENA, *Protagoniste. Femenines a la 'Vita Cbristi'*, Rosanna Cantavella e Lluisa Parra, eds., Barcelona, La Sal, "Clàssiques Catalanes n.15", 1987; J. ROIG, *Llibre de les dones, o spill*, Francesc Almela i Vives, Barcelona, Barcino, 1980.

<sup>108</sup> BROCHADO, Cláudia Costa. A querelle des femmes. Textos de História. Revista do Programa de Pós-graduação em História da UnB, v. 9, n. 1-2, 2001, p. 31-32.

<sup>109</sup> BLOCH, R. Howard. **Misoginia medieval e a invenção do amor romântico ocidental**. Trad. Claudia Moraes. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995. p. 69.

<sup>110</sup> Cf. MAURRAS, Charles. *Prière à deux voix; Lai d'Aristote*. publisher not identified, 1950. Quand le Grand Alexandre/ De l'Inde outra le cours/ Quel sage osa prétendre/ Le borner en amour ?/ La petite princesse/ Dont les yeux sont si beaux/ Bouscule la sagesse/ Qu'elle pousse au tombeau./ Elle bride, elle bâte/ d'œillères, de bandeaux/ Le Sage à quatre pattes/ Qui lui fait le gros dos./ Elle l'enfourche, et fouette/ De rires, de chansons./ Il a ce qu'il souhaite/ De la selle à l'arçon!/ Au lai qu'elle lui donne/ Il trotte et va bon train./ Du suivant qu'elle entonne/ Il galope au refrain./ Mais, fou de les entendre/ Tournoyer dans sa cour./ S'est le grand Alexandre/ Laissé mourir d'amour.

<sup>111</sup> BLOCH, Op. Cit. p. 69.

serem as escolhidas para a primeira aparição de Jesus<sup>112</sup>. Em sua narrativa, Roig argumenta que as mulheres têm a característica de serem faladeiras, sendo esse o verdadeiro motivo de terem sido escolhidas para que o comunicado fosse rapidamente divulgado entre os fiéis. Por sua vez, Isabel de Villena argumenta que a justificativa para tal foi uma demonstração de confiança, sendo as mulheres merecedoras desse privilégio. Villena segue sua argumentação e utiliza do sermão de Jesus a Marta. Em seu texto, a escritora define diferentes funções as mulheres em relação a Roig. Explica que a Maria Madalena era determinada a função de meditar junto a Jesus e compartilhar por mais tempo de sua companhia, enquanto a Marta destinava-se o dever limpar a casa e cuidar dos afazeres domésticos, também valorizados por Jesus. Portanto, Villena defende em sua argumentação que as mulheres não têm uma função de subalternidade por excelência, mas que cada mulher tem certa vocação. Este argumento “[...] acrescentará um ponto importante no debate em torno à predisposição, inerente ao sexo feminino, ao trabalho físico/doméstico em detrimento do mental”<sup>113</sup>. Consequentemente, Christine de Pizan não foi a única mulher a escrever em forma de resposta a textos que difamavam as mulheres, porém ela não apenas escreveu suas obras em forma de refutar esses escritores. Tal como se pode observar a seguir, Christine de Pizan escreve também com o objetivo de legitimar-se enquanto escritora capaz e detentora do saber.

Ao pesquisar textos de pesquisadoras sobre Christine de Pizan encontra-se Lidia Amor. Em seu artigo<sup>114</sup>, a autora menciona alguns dos nomes que Pizan teve acesso a partir da leitura tradicional, como; Raoul de Presles, tradutor de *A Cidade das Deus* de Santo Agostinho e Nicolás de Oresmes, tradutor de Aristóteles. A corte parisiense no século XIV atinge o nível alto de saber para seu tempo, comparado a outras regiões da Europa. Christine de Pizan convive com um mundo de saber e um mundo político que contribuem muito para sua construção intelectual.

Todo esse acúmulo intelectual permitiu a Christine de Pizan, entre os últimos anos do século XIV e os primeiros anos do século XV, a escrita de cartas que orbitaram

---

<sup>112</sup> BROCHADO (2001, p. 34) escreve “Jesus tentaria explicar a Marta a razão de ser Madalena aquela que sempre estaria ao seu lado em suas meditações e reflexões, esclarecendo a função diferenciada que ambas desempenhavam no mundo; segundo ele, à Marta caberia os trabalhos domésticos, físicos, os quais, explica, eram de extrema importância. À Madalena caberia o de meditação e reflexão.”

<sup>113</sup> BROCHADO, 2001, p. 34-35.

<sup>114</sup> Trazos femeninos en la historia intelectual francesa de la Edad Media tardía: La literatura didáctica y la legitimación del yo en *Le chemin de longue étude* de Christine de Pizan.

a temática trazida pela segunda parte da obra *Roman de la rose*<sup>115</sup>, até entrar definitivamente em um debate entre outros intelectuais e nobres de Paris sobre a questão da mulher que é abordada no poema. Essas cartas e textos que fazem parte do debate conhecido como *Querelle des Femmes* estão publicados pela Universidade de Chicago, na obra *Debate of the Romance of the Rose* editado e traduzido por David F. Hult.

Nesse livro, é possível ler as três cartas que Christine de Pizan escreveu antes da *Querelle* ter início, *The God of Love's Letter* (1ª de maio de 1399), *Moral Teachings* (1399 ou 1402?) e *The Debate of Two Lovers* (1400?). Após o primeiro capítulo, com o título “Christine e a *Rose* antes do Debate”, o livro tem mais quatro capítulos com as correspondências que geram o debate. O editor dividiu o debate em duas fases, sendo a “Primeira Fase” centrada na pessoa de Jean de Montreuil<sup>116</sup> e Christine de Pizan, entre maio de 1401 a 1º de fevereiro de 1402. A “Segunda Fase” do debate abrange cartas de Jean de Montreuil, Jean Gerson, Pierre Col e Christine de Pizan, entre as datas de fevereiro de 1402 a novembro de 1402. O próximo capítulo chama-se “Resultados” e é composto por cartas e textos de dezembro de 1402 a 1403, entre eles uma balada dirigida a rainha da França escrita por Christine de Pizan. O quinto e último capítulo chama-se “Menções tardias de Christine de Pizan do *Romance of the Rose*.”<sup>117</sup> Aqui foram selecionados trechos de livros<sup>118</sup> de Christine de Pizan, em que há referências ao debate do *Romance da Rosa* ou onde o debate interferiu em sua escrita de alguma maneira.

No texto intitulado *L'epistre au dieu d'amours*<sup>119</sup> que segue traduzido abaixo é possível visualizar um excerto de uma das primeiras intervenções de Pizan contrapondo os textos produzidos que difamavam as mulheres.

[...] Mas as senhoras acima mencionadas queixam-se de vários clérigos, que as acusam de conduta censurável, compondo obras literárias, poemas líricos, trabalhos em prosa e em verso, difamando de seu comportamento com uma variedade de expressões; em seguida, eles dão esses materiais para estudantes iniciantes - para seus novos e jovens pupilos - para servir como modelo e como instrução, de modo que eles vão manter tal conselho em sua vida adulta. Eles dizem que

<sup>115</sup> Ver nota 103 na página 44.

<sup>116</sup> Jean de Montreuil (1354-1418) foi chefe de estado francês e secretário do rei Carlos VI por 30 anos. Está entre os primeiros a apelar para a Lei sálica como dispositivo jurídico para impedir que uma mulher assumisse a sucessão do trono francês.

<sup>117</sup> Tradução nossa, *Christine's Later Mentions of the Romance of the Rose*.

<sup>118</sup> As obras são: *Book of Fortune's Transformation (November 1403)*, *Book of the City of Ladies (1405)*, *Christine's Vision (1405)* e *Book of Deeds of Arms and of Chivalry (1410)*.

<sup>119</sup> A Epístola ao deus do amor, escrita por Christine de Pizan em 1º de maio de 1399. Em 1402 feita sua primeira tradução para o inglês por Thomas Hoccleve.



na sua poesia, "Adam, David, Samson, e Salomão, juntamente com uma massa de outros, foram enganados por mulheres da manhã à noite. Que homem conseguirá se proteger disso?" [...]<sup>120</sup>

Essa epístola foi escrita por Christine de Pizan com o objetivo de responder a diversos textos que vinham sendo produzidos e usados com objetivos de aprendizagem, além do próprio *Romance da Rosa*. Em seu texto, Pizan apresenta as acusações que haviam sido feitas contra as mulheres, enfatizando que não acusavam uma ou outra mulher, mas que usavam de algumas práticas para condenar a todas as mulheres, sem exceção. Pizan usou o exemplo da criação dos anjos por Deus e questiona se alguns deles não agiram por maldade, e se isso os condenaria. Utilizou também do modelo de nobres cavaleiros, que através de seu comportamento cortês, ampla bondade tiveram posição diferente dos clérigos<sup>121</sup> que acusavam as mulheres. E afirma que “[...] é desta maneira que, dia e noite, clérigos compunham seus poemas, ora em francês, ora em latim, e se baseavam sabe-se lá em quais livros para contarem mais mentiras do que um homem bêbado [...]”<sup>122</sup>

A partir das obras de Pizan, o Livro *A Cidade das Damas* está entre as que sintetizam um discurso feminino, assim como Claudia Costa Brochado<sup>123</sup> afirma, “um dos expoentes deste movimento [*querelle des femmes*] foi a escritora franco-italiana Christine de Pisan, que propunha em seu *La Cite des Dames* uma *ginecotopia*<sup>124</sup>”. O conceito de ginecotopia, relacionado à Christine de Pizan, foi encontrado em poucas pesquisas no Brasil<sup>125</sup>, mas tem sido usado há mais tempo na Europa, principalmente

<sup>120</sup> Tradução nossa, “But the above-mentioned ladies complain of several clerics who accuse them of blameworthy conduct, composing literary works, lyric poems, works in prose and in verse, defaming their behavior with a variety of expressions; then they give these materials to beginning students—to their new, young pupils – to serve as a model and as instruction, so that they will retain such advice into their adulthood. They say in their poetry, “Adam, David, Samson, and Solomon, along with a mass of others, were deceived by women morning and night. What man will manage to protect himself from this?” Cf. PIZAN, Christine de. et al.. *Debate of The Romance of the Rose*. Chicago, 1992.

<sup>121</sup> A posição dos Clérigos a que Christine de Pizan se refere, são as posições já mencionadas anteriormente de difamação das mulheres, definindo-as como inferiores aos homens e com natureza para o mal.

<sup>122</sup> Tradução nossa, “It is in this manner that day and night clerics compose their poems, now in French, now in Latin, and they base themselves upon I don’t know what books that tell more lies than a drunken man.” Cf. PIZAN, Christine de. et al.. *Debate of The Romance of the Rose*. Chicago, 1992.

<sup>123</sup> BROCHADO, 2001, p. 31.

<sup>124</sup> Ginèco – Do grego γυνή γυναικός (que se lê /gyné/ e /gynaikós/), “mulher”, em palavras compostas γυναικο (que se lê /gynéko/). Primeiro elemento de palavras compostas, derivadas do grego ou formadas modernamente, na linguagem doura e científica, que significa “mulher, feminino, relativo aos órgãos sexuais femininos”. Encontrado em TRECCANI. Istituto dell'Enciclopedia Italiana. **Ginèco**. Giovanni Treccani S.p.A. 2011.

<sup>125</sup> Cf. DEPLAGNE, Luciana Eleonora de F. C (2013), MACHADO, Thalita S. (2013), BROCHADO, Cláudia C. (2001).

pela historiadora María-Milagros Rivera Garretas<sup>126</sup> que conceitua o termo em seu livro *Mujeres en Relación: Feminismo 1970-2000*.

Ginecotopía: Espacio de mujeres. Tomó la forma de ciudad - la unidad política de la democracia de la Atenas clásica - a principios del siglo XV, cuando Cristine de Pizán escribió *La Cité des Dames*, una ciudad de hermanas y de amigas, no de familias. La ginecotopia ha atraído a muchas autoras, como Margaret Cavendish (1666), Charlotte Perkins Gilman (1915), Monique Wittig (1969) o Joanna Russ (1975).<sup>127</sup>

Portanto, nesse contexto, o Livro da *Cidade das Damas* pode ser considerado um colossal argumento resultante de uma longa tempestade intelectual, que alimenta o apetite intelectual insaciável de Christine de Pizan. A partir dessas circunstâncias chega-se a conclusão de que a *Cidade das Damas* tem origens de complexidade superior às que a personagem Christine apresenta em seus diálogos. Longe de ter apenas um público de mulheres leitoras e ouvintes, Pizan tem um público<sup>128</sup> nobre e principalmente os nobres que discordam acerca da presença pública das mulheres. Buscando legitimar seu discurso entre uma elite francesa, Christine questiona em seu último diálogo com a Dama Retidão, após darem início ao processo de povoamento da Cidade.

Dama, visto que lembrastes dessa dama [Marguerida da Riviera], minha contemporânea, e começastes a citar as damas francesas ou aquelas que vivem nesse reino, peço-vos vossa opinião sobre elas e se credes que seja justo que algumas delas sejam acolhidas em nossa Cidade. Pois, por que deveriam ser mais esquecidas do que as estrangeiras?<sup>129</sup>

Nesse diálogo, Christine e a Dama introduzem damas da nobreza francesa, conhecidas de Pizan, como a rainha da França Isabel de Baviera, a duquesa de Berry e esposa do Duque Jean irmão do rei Carlos V, a duquesa de Orleans, a duquesa de Borgonha, a condessa de Clermont, a duquesa da Holanda e condessa de Henault, a duquesa de Bourbon, a condessa de São Paulo. “E, Deus seja louvado, que muitas outras mulheres, belas e bondosas, entre as condessas, baronesas damas, senhoritas, burguesas e mulheres de todas as condições sociais”<sup>130</sup>

## **2.2. *Persona Publica*: Publicidade como motor de sua atividade**

<sup>126</sup> Garretas é cátedra de História Medieval da Universidade de Barcelona, escreve sobre mística feminina e sobre o pensamento e a prática da diferença sexual.

<sup>127</sup> GARRETAS, María-Milagros Rivera. *Mujeres en Relación: Feminismo 1970-2000*. Barcelona: Icaria. 2ª Ed. 2003, p. 97.

<sup>128</sup> Informações sobre as leituras e citações realizadas de *A Cidade das Damas* encontra-se na tese de Lucimara Leite (2008) listada nas referências deste trabalho.

<sup>129</sup> PIZAN, 2012, p. 290.

<sup>130</sup> *Ibidem.*, p. 292.

Antes de escrever o Livro *A Cidade das Damas*, Christine de Pizan escreveu o *Livre du chemin de long estude*<sup>131</sup> (1402-1403). Nesse texto, semelhante à *Cidade das Damas*, Pizan se coloca na narrativa enquanto personagem e constrói uma história intercalada por um sonho, uma viagem e um debate. No início do texto, Pizan lamenta-se dos treze anos de solidão pela prematura viuvez. Mesmo depois da morte do pai e do esposo, permaneceu com acesso a dezenas de obras clássicas traduzidas para o latim e disponíveis na biblioteca do palácio real em Paris.<sup>132</sup> Entre tantas, duas obras clássicas provavelmente inspiraram Pizan na escrita do *Livre du chemin de long estude*: *Consolação da filosofia* de Boécio e *A Divina Comédia* de Dante Alighieri.<sup>133</sup>

Amor<sup>134</sup> afirma que há um forte caráter publicitário nessa obra de Pizan, pois não era padrão para a época que uma mulher fizesse parte desse meio intelectual enquanto escritora<sup>135</sup>, sendo essa uma posição predominantemente masculina. Luciana Calado explica que Pizan, em sua narrativa,

[...] ao contrário de Dante, que perde o caminho certo, ela, tendo como primeira parada a fonte da Sapiência, segue sempre pelo caminho correto, o caminho de “longo estudo” – reservado exclusivamente aos “letrados” –, que as leva ao céu, ao paraíso-terrestre, conhecendo alguns personagens alegóricos, como A Sabedoria, a Nobreza, a Cavalaria, a Riqueza.<sup>136</sup>

Em sua argumentação, Amor reconhece que “[...] sua inteligência lhe permite encontrar o caminho mais sutil para construir a sua *persona*<sup>137</sup> *publica*, mas não como um disfarce ou uma mentira, mas como uma identidade social.”<sup>138</sup> A construção dessa *persona* pode ser observada por meio da presença de Pizan na qualidade da personagem “Christine” em muitas de suas obras. Ao se tratar do *Livre du chemin de long estude*, o processo de legitimação de sua imagem está em destaque. Amor também afirma que a publicidade, foi o motor da atividade de Pizan.<sup>139</sup> Entretanto, sua autopromoção nas

<sup>131</sup> Obra sem tradução no Brasil, tradução livre seria *Livro do caminho do longo estudo*.

<sup>132</sup> Cf. MACEDO, José Rivair. **A Mulher na Idade Média**. 5. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2002

<sup>133</sup> AMOR, Lidia. **Trazos femeninos en la historia intelectual francesa de la Edad Media tardía**: La literatura didáctica y la legitimación del yo en *Le chemin de longue étude* de Christine de Pizan. *Feminine strokes in French intellectual history of the late Middle Ages*. De Medio Aevo, v. 1, n. 1, 2013. p.149.

<sup>134</sup> Ibidem., p. 149.

<sup>135</sup> Ver nota 70 na página 32.

<sup>136</sup> CALADO, 2006. p. 32.

<sup>137</sup> **Persona**, ae, f. máscara (de teatro); caráter, pessoa; personagem. In: BUSARELLO, Raulino. *Dicionário básico latino-brasileiro*, 7ed. Ver. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2012.

<sup>138</sup> AMOR, Op. Cit. p.149.

<sup>139</sup> Ibidem., p.148.

obras, colocando-se como personagem, não diminui seu mérito, nem sua sinceridade na acalorada defesa às causas a que elege na *Querelle de la Rose*.

Na obra, *Livre du chemin de long estude*, tem uma visão onde Sibila de Cumes se apresenta a ela, Christine, e a conduz por um longo caminho pelo mundo, por terra e pelos céus, referência essa dantesca. Semelhante às Damas Razão, Retidão e Justiça, Sibila diz que a escolheu como estudante por causa do seu amor pelo conhecimento. Amor afirma que se igualando ao modelo sibilino, *la femme de lettres*, graças a seu conhecimento e sede de saber, reconhece que “[...] sua missão será a de difundir, através de sua escrita, o doutrinamento necessário para melhorar a sociedade humana.”<sup>140</sup> Agora, então, torna-se tangível o processo de legitimação de Pizan, com a narrativa do longo estudo enquanto uma narração da formação intelectual legitimadora. Ao analisar comparativamente as obras anteriores, é possível ver a *Cidade das Damas* tal como uma continuidade, uma vez que Christine já tem o poder do conhecimento, agora é o momento da ação, da construção de um espaço seguro. Nasce assim, A Cidade das Mulheres Ilustres.

Ao avançar o processo de compreensão da obra, será analisado o uso da visão, do sonho e das alegorias por Pizan em seu texto, tal como as Damas já mencionadas no capítulo anterior, Razão, Retidão e Justiça. O uso de alegorias em escritos medievais tem sua origem na antiguidade, muito antes da tradição patrística. Entre os gregos, Homero era interrogado através de alegorias. Entretanto, nessa pesquisa, por uma limitação necessária, será selecionado apenas o período medieval para realização da análise, salvo por um momento ou outro que haja necessidade de distanciamento temporal.<sup>141</sup>

### 2.3. As damas de Christine de Pizan (ou alegorias reveladas)

Punha-me de pé diante delas, em sinal de respeito, olhando-as em silêncio, como cativa, sem conseguir dizer uma palavra. Meu ser perplexo se surpreendia, e eu ficava me perguntando quem seriam. Se tivesse coragem, teria prontamente perguntado o nome delas, maneira de ser de cada uma, a razão da vinda delas [...] <sup>142</sup>

<sup>140</sup> Tradução nossa, “Su misión será lá de difundir, a través de su escritura, el adoctrinamiento necesario para mejorar la sociedad humana.” AMOR, Lidia. Trazos femeninos en la historia intelectual francesa de la Edad Media tardía: La literatura didáctica y la legitimación del yo en *Le chemin de longue étude* de Christine de Pizan. *Feminine strokes in French intellectual history of the late Middle Ages*. De Medio Aevo, v. 1, n. 1, 2013. p.150.

<sup>141</sup> ECO, Umberto. *Arte e Beleza na Estética Medieval*. Trad. Mario Sabino Filho. Rio de Janeiro: Record, 2010. p. 103 et. seq.

<sup>142</sup> PIZAN, 2012. p.64.

De acordo com Jean-Claude Schmitt<sup>143</sup> há um aumento significativo das imagens de sonho em manuscritos iluminados e em esculturas do Ocidente a partir do século XII. O autor em seu livro *O Corpo das Imagens* busca interpretá-los, tendo como período principal a Idade Média Central. Em seu texto, Schmitt identifica esse crescimento como sinais do interesse “que a cultura cristã contemporânea conferiu aos sonhos. A julgar pelos documentos narrativos [...]”<sup>144</sup> e pelas obras mais especulativas [...]”<sup>145</sup>, os séculos XII e XIII reservaram maior espaço e importância aos sonhos.”<sup>146</sup> Os sonhos eram interpretados como ligação que se mantinha com o divino, sendo usados como legitimação de indivíduos, lugares, crenças religiosas e práticas sociais.

Portanto, ao observar de perto a citação selecionada acima, do livro *A Cidade das Damas*, é possível interpretá-la como um mecanismo didático comum à época, utilizada como um instrumento de legitimação de seu discurso. Talvez se a própria personagem de Christine proferisse o tema das histórias de valorização das mulheres, tal feito não seria recebido com a mesma força. Entretanto, uma vez utilizado este instrumento literário da visão/sonho divino, era possível recebê-lo com certo tom de veracidade, no qual o discurso apresentado através das falas de cada uma das Damas – Razão, Retidão e Justiça –, possuía uma carga de autenticidade, divida, ou honestidade, veracidade que apenas as filhas de Deus poderiam carregar em seus discursos. Pizan se utiliza de um instrumento literário comum a Patrística medieval, o que confere legitimidade ao discurso e possibilita a construção de sua narrativa enquanto uma utopia, de um local sonhado e distante, mas que se baseia em ideias de experiência pessoal.

Quando Pizan escreve “Os olhos repletos de lágrimas”, se entende que sua visão está limitada pelas lágrimas. “As mãos na face” se somam nesse bloqueio dos olhos, ficando assim, Christine com parcial poder visual. É quando ela vê um feixe de luz sob seu colo. Entre as interpretações que se tem da significação de luz, está a sabedoria, conhecimento e a verdade entre as destacadas para compreender o contexto que Pizan constrói em sua narrativa. A luz penetrou nesse quarto que estava escuro e que não tinha como haver entrada solar nenhuma, “então despertei-me em sobressaltos”, portanto seu consciente estava limitado, em um estado de sono, ou sonho parcial. Assim como

<sup>143</sup> SCHMITT, Jean-Claude. **O corpo das imagens**: ensaios sobre a cultura visual na Idade Média. Trad. José Rivair Macedo. Bauru, SP: Edusc, 2007.

<sup>144</sup> Hagiografia, miscelâneas em *miracula* e de *mirabilia, exempla*, autobiografias, literatura romanesca em língua vulgar.

<sup>145</sup> Comentários bíblicos, obras teológicas e de medicina.

<sup>146</sup> SCHMITT, Op. Cit., p. 303.

refere-se Calado ao “sonho representado na escrita de Christine de Pizan não é o sonho enquanto inconsciente, oriundo do sono profundo, de desligamento do mundo”<sup>147</sup>, então quando Pizan desperta-se em sobressaltos estava despertando de um semiadormecer.

Através desse sonho parcial, uma espécie de visão, foi que Christine em seu quarto viu surgirem as Damas, anteriormente mencionadas. Mas afinal, se os sonhos e as visões têm o papel de fortalecer seu discurso, legitimando a abordagem de Pizan, qual a função das Damas na narrativa?

Calado<sup>148</sup> realiza um breve, porém preciso levantamento de obras que utilizam alegoria em suas narrativas. Percorre desde a antiguidade ocidental até meados do século XIV na França, citando obras de Homero, Prudêncio e Boécio. Sobre a França, ela menciona narrativas de sonhos, moralizadoras ligadas principalmente à vida eclesiástica, estas são *Songe d'Enfer* (Sonho do Inferno), de Raoul de Houdenc (~1210), com o personagem dialogando com alegorias de vícios como a Inveja, a Avareza e a Vergonha. Cita também o já mencionado *Roman de la Rose*, com suas alegorias positivas e negativas, como o Desejo, a Beleza, a Cortesia, a Juventude, o Ódio, a Traição, a Pobreza, a Tristeza, a Velhice, o Amor e o Ciúme. E finaliza com obras do final da Idade Média, como *Songe du vieil pelerine* (Sonho do velho pelegrino) escrito entre 1388 e 1389, por Philippe de Mézières, e *Songe du vergier* (Sonho do pomar), de 1378, tradução do original latino *Somnium Viridarii* (1376). Nessa obra há a presença das alegorias Ardente Desejo e sua irmã Boa Esperança, que atravessam o mundo com o narrador Pelegrino, guiando as virtudes Verdade, Paz, Justiça e Misericórdia, para examinarem o estado moral e espiritual dos reinos, mostrando o mal que corrompe todas as camadas da sociedade.<sup>149</sup>

A partir das reflexões realizadas por Umberto Eco<sup>150</sup> em seu livro *Arte e Beleza na Estética Medieval*, a sociedade medieval ocidental possuía a característica de converter em imagens as verdades que conseguia compreender, e com o tempo, os teólogos e mestres da doutrina cristã começaram a traduzir em imagens as formulações teológicas. As lendas medievais se formaram porque havia “[...] uma condição endêmica de angústia e de insegurança fundamental [que] a alimentava.”<sup>151</sup> Portanto havia a compreensão de a divindade transmitir seu discurso através da natureza, ou

---

<sup>147</sup> CALADO, 2006. p. 32.

<sup>148</sup> No capítulo II da Parte I da Tese de Luciana Calado, subcapítulo II.2 com o título *Alegoria como discurso literário*.

<sup>149</sup> CALADO, Op. Cit., p. 45-48.

<sup>150</sup> ECO, 2010, p. 103 et. seq.

<sup>151</sup> Ibidem. p. 106.

seja, o Deus cristão falava com seus fiéis através de símbolos e ações presentes na natureza. Mas, antes disso, outras divindades já o faziam, tanto que a cultura cristã eclesiástica reconhece em manifestações ligadas às antigas divindades pré-cristãs a “presença do mal”. Assim como se pode observar nos escritos do Bispo Martinho de Braga durante o século VI em seu texto *Da correção dos Rústicos (576 d.C.)*<sup>152</sup> onde diz

Então o diabo, ou os demônios seus ministros, que foram arremessados do céu, vendo os homens em sua ignorância, desprezaram seu Criador, começaram a servi-lo por intermédio das criaturas. E começaram a manifestar-se em diversas figuras, a falar com eles e a pedir-lhes que lhes oferecessem sacrifícios nos montes altos e nos bosques frondosos como a Deus, os dando nomes de homens depravados, que haviam levado uma vida de todo tipo de crimes e maldades.<sup>153</sup>

Logo, foi em um ambiente como esse que uma cultura de valorização de simbolismo<sup>154</sup> e figuração que fortalece a prática de se utilizar alegorias na abordagem de assuntos de caráter místico, como temáticas ligadas a moral cristã.

Sendo assim, as alegorias em *A Cidade das Damas* de Christine de Pizan apresentam “[...] uma figura retórica muito bem decodificável e conceituável, que está entre a metonímia e a antonomásia (as personagens [indicam] por antonomásia alguma de suas características ilustres).”<sup>155</sup> Portanto compreende-se que as Damas de Pizan estão mais próximas de personagens alegóricas antonomásias, ao se entender que cada uma delas é “sua própria personificação”. Nesse momento serão analisadas cada uma das Damas. Para isso se aconselha, quando necessário, retornar a suas apresentações no capítulo anterior<sup>156</sup>

A Dama Razão, como primeira Dama a pronunciar-se diante de Christine, não diz seu nome, contudo suas palavras começam a costurar suas características tornando cada vez mais evidente seu nome. É a Razão que anuncia que entre “[...] todas as

<sup>152</sup> BRAGA, Martinho de. *De correção dos rústicos (576 d.C.)*. Trad. Fernando Gil; Ricardo Corleto. Argentina: Pontificia Universidad Católica Argentina, 1998-1999.

<sup>153</sup> Tradução nossa “Entonces el diablo, o los demonios sus ministros, que fueron arrojados del cielo, viendo a los hombres que por ignorancia despreciaron a su Creador, empezaron a servirlo por medio de las criaturas. Y empezaron a manifestarse en diversas figuras, a hablar con ellos y pedirles que les ofreciesen sacrificios en los montes altos y en los bosques frondosos, y a honrarlos como a Dios, poniéndoles los nombres de hombres malhechores, que habían llevado una vida de toda clase de crímenes y de maldades.”

<sup>154</sup> Sobre alegoria e símbolo Umberto Eco diz: “a tradição moderna está habituada a distinguir alegorismo de simbolismo, mas a distinção é muito recente: até o século XVIII esses dois termos são considerados praticamente sinônimos, como o foram para a tradição medieval.” Cf. ECO, Umberto. *Arte e Beleza na Estética Medieval*. Trad. Mario Sabino Filho. Rio de Janeiro: Record, 2010. p. 111.

<sup>155</sup> ECO, 2010. p. 114.

<sup>156</sup> No subcapítulo 1.3 *As Virtudes Divina: quando as Damas se apresentam*.

mulheres, o privilégio de projetar e construir a Cidade das Damas [...]” foi concedido a Christine, explica-a como acontecerá a construção da Cidade. Da utilização de elementos materiais para a construção, quase como se fosse uma construção física, como água, que pegará das três Damas, como se fossem uma fonte límpida e também as Damas entregarão materiais fortes e mais resistentes que o mármore fixado com cimento. Complementa com a seguinte afirmação: “Assim, tua Cidade será de uma beleza sem igual e permanecerá eternamente neste mundo.” As Damas usam de uma decisão unânime, portanto aparentam-se estar em igualdade de poder, umas as outras. Interpreta-se que debateram sem hierarquia até chegar a uma conclusão, a qual a Razão lhe diz; “De comum acordo, decidimos todas três que eu te fornecerei a argamassa resistente e incorruptível”<sup>157</sup>. Resistência e Incorruptibilidade. Essas são as duas principais características apresentadas pela Razão sobre seus adjetivos. Portanto para reagir, defender-se de acusações, de tentativas de destruí-la, será através da ajuda da Razão que Christine conseguirá estar segura, com suas fundações sólidas e com muralhas altas e espessas. E será necessário seguir nesse caminho, respeitando todos os ensinamentos da Razão, para não se deixar corromper pelas acusações e denúncias que surjam.

A Dama Retidão se apresenta em sua primeira frase. Ao dizer que vive mais no céu do que na terra, Retidão está a afirmar que os homens não seguem as orientações de Deus, portanto no céu é o lugar onde há mais retidão. Está por afirmar que a sociedade na terra não possui a presença de tanta honestidade, honradez e integridade. Ela está junto aos justos e os instiga a fazer o bem. Portanto sua presença junto de Christine apenas conjectura para que sua pessoa tenha as qualidades necessárias para honrar de sua companhia. Retidão defende a verdade e está sempre na função de provar a inocência dos caluniados. Portanto, as mulheres que têm sido caluniadas, como se observou nos capítulos anteriores, nesse momento recebem dessa Dama suas garantias de que serão absolvidas, em nome da verdade, trazida pela Retidão diretamente do céu, por ser ela o escudo e a defesa daqueles que servem a Deus. Ao se descrever com um bastão na mão, reafirma através de símbolos tradicionalmente medievais de defesa, como a espada, a atribuição a Retidão de protetora, advogando pelas mulheres a quem Pizan agrupará em sua obra. Mas esse bastão também tem a função de régua. Uma régua divisória, que segmenta, dividindo assim de forma simples o bem e o mal, o justo

---

<sup>157</sup> PIZAN, 2012. p. 68-69.



do injusto. Devendo segui-la quem quer estar entre os de bem e justos. E Retidão usará dessa régua, para contribuir com Christine na medição das construções da Cidade, grandes templos, palácios, casas, empórios, ruas, praças, além de povoamento. Para o momento de povoar a cidade, será necessário o uso dessa régua, para que possa separar as mulheres ilustres das demais. Pois, como anteriormente foi observado apenas as mulheres ilustres terão acesso a Cidade das Damas. Portanto a Dama Retidão não deixará o menor espaço vazio, garantido a construção mais correta possível para a Cidade. Dessa maneira a Dama expõe todas as qualidades que seu nome expressa em ações de auxílio à Christine.

A terceira e última Dama, Justiça, apresenta-se a Christine enquanto filha predileta de Deus, sendo sua essência preceder diretamente a Ele. Por essa simples afirmação há certa elevação de sua posição em relação às outras Damas. Diferente de Retidão, que passa pouco tempo na terra, Justiça está presente nas três esferas cristãs; no céu, na terra e no inferno. Explica suas diferentes funções em cada lugar. Sua presença no céu serve para a glória dos santos e almas bem-aventuradas, na terra para distribuir o bem ou o mal, de acordo com seu merecimento, e no inferno para punir os indivíduos de má índole. Afirma não ter lado, por não ter amigo<sup>158</sup> nem inimigo; por garantia e segurança mantém sua neutralidade. Diferente das outras Damas, Justiça diz que está em Deus e Deus está nela. Em suas palavras são “[...] digamos assim, uma única e mesma coisa.” Portanto, aqui há uma aproximação da divindade que as outras Damas não atingiram, sendo assim Justiça torna-se ainda mais superior do que as outras Damas. Quem a ela seguir não irá pecar, tal qual quem seguir a Deus. Em sua mão direita segura “[...] uma taça de ouro fino que parece uma medida de bom tamanho.”<sup>159</sup> O cálice, enquanto símbolo cristão, é emblemático por remeter ao Santo Graal<sup>160</sup>, o cálice que supostamente Jesus Cristo usou em sua última ceia e que foi usado para pegar seu sangue durante a crucificação.

Deus foi quem deu o cálice à Dama Justiça. Entre as qualidades do cálice está a de variar sua capacidade interna de acordo com quem o tocar. Para que assim receba o

---

<sup>158</sup> Aqui há uma pequena observação, por ela [Justiça] iniciar sua apresentação chamando Christine de amiga, pode haver ou um detalhe na tradução, ou um possível descaso de Pizan no momento de chamá-la por amiga. Ou então, defender a Dama Justiça enquanto amiga de Christine e por consequência torná-la equivalente em poder de imparcialidade com a Dama, acredito ser essa opção por seguir toda uma sequência de legitimação da personagem Christine em suas obras.

<sup>159</sup> PIZAN, 2012. p. 68-69.

<sup>160</sup> O Santo Graal também pertence à literatura arturiana, onde tem forte presença celta em sua narrativa, assim como o símbolo do cálice enquanto receptáculo mágico remete a períodos pré-cristãos da cultura nórdica e Bretanha.

lhe é por direito, garantindo com isso uma equidade, dando mais a quem merece e menos a quem não é digno. Além disso, está gravada em seu cálice a flor-de-lis da trindade. O que reforça ainda mais nos textos de Pizan, em seus pequenos detalhes, sua fé cristã medieval.

Ao colocar na boca da Dama Justiça as seguintes palavras, “os homens aqui de baixo têm outra medida, que eles dizem ser no mesmo modelo que a minha, mas eles se enganam”, Pizan encomenda sua crítica ao sistema de justiça e de leis presente em sua sociedade. Deixando evidente a diferença entre a justiça de Deus e a justiça dos homens, reafirmando que ela está mais próxima da justiça de Deus, portanto mais legitimada a falar sobre a verdade do que os demais. Justiça prossegue finalmente reconhecendo sua distinção às demais Damas, ao afirmar que tem “[...] um *status* especial entre as virtudes.” Então vê-se um papel de liderança, reforçando aqui a presença de hierarquia, a qual reflete a sociedade medieval. “Todas, aliás, referem-se a mim”, seria aqui um poder político de tomada de decisão, referenciado na Dama Justiça? Estaria ela em uma espécie de papel político de liderança entre as Damas? Provavelmente sim, quando necessário. Justiça será a responsável em decidir quem poderá entrar na Cidade. Entre todas as mulheres “eu povoarei de mulheres ilustres”<sup>161</sup> e somente as ilustres. Sem que falta para reinar nesta cidade a mais alta indicação de mulher cristã, entre todas as mulheres, Maria será a altiva rainha, coroada pela Dama Justiça.

A Justiça organiza e finaliza os trabalhos, tal qual a Cidade. O que a Dama Razão propõe, baseada nas experiências remotas no tempo, a Dama Retidão sistematiza e coordena sua execução, e por fim a Dama Justiça termina.<sup>162</sup> “Assim, com a tua ajuda, **tua cidade** será concluída, fortificada e fechada com portas pesadas, que irei **buscar no céu** para ti, antes de colocar a chave nas tuas mãos”.<sup>163</sup> Aqui é possível observar novamente onde a cidade será construída. Nem no céu, muito menos no inferno, nem mesmo em uma espacialidade fora da terra. A Cidade das Damas de Christine será construída, com materiais buscados do céu, mas será construída neste mundo. Portanto é através das alegorias das três Damas que Pizan prepara em conceito a Cidade a ser construída. Nesse sentido, o próximo capítulo abordará essa cidade idealizada, como ocorre esse processo de idealização, em que tempo será construída a cidade e quais as

---

<sup>161</sup> PIZAN, 2012. p. 68-69.

<sup>162</sup> As três Damas são como as três moiras, três parcas, matronas celtas-romanas, que tecem o destino dos seres humanos e dos deuses. Elas são como as três faces da Deusa, a jovem, a mãe e a ancião, entre os pré-cristãos do norte da Europa. Entre tantas referências de trios, não se pode deixar de citar, a trindade cristã, Pai, Filho e Espírito Santo.

<sup>163</sup> PIZAN, Op. Cit., p.68-69. (Grifos nossos).

relações de experiência e expectativa que orientam as Damas, sob o movimento da pena de Christine de Pizan.

### 3. A CIDADE DAS DAMAS: UMA TRANSIÇÃO UTÓPICA?

#### 3.1. Em busca da idealização: uma cidade no “tempo”

Ao concordar que a história é o estudo dos homens no tempo como Marc Bloch<sup>164</sup> já afirmara, será exigida uma atualização da afirmação para a presente pesquisa, dessa forma, é necessário adicionar aqui a presença das mulheres no estudo assim como o espaço. Assim sendo, a frase ficaria da seguinte modo: história é o estudo dos homens e das mulheres no tempo e no espaço. Nesta pesquisa a utopia é compreendida enquanto uma dimensão espacial no tempo, onde dimensão espacial é concebida para além do espaço geográfico. Sendo assim, entende-se o lugar idealizado ou imaginado como uma dimensão espacial e, logo, um de seus objetos são as utopias. Por sua vez, o tempo aqui é compreendido enquanto tempo histórico, seguindo o pensamento escrito por Reinhart Koselleck<sup>165</sup>, sendo percebido por meio da relação entre o campo de experiência e o horizonte de expectativas, conceitos que serão debatidos e usados analiticamente.

“Rendei graças a Deus que me guiou nesse grande labor: construí para vós um refúgio honrado, uma cidade fortificada que vos servirá de morada eterna até o final dos tempos.”<sup>166</sup> Com esta resposta de Christine a Dama Retidão finaliza-se o livro dois da obra *A Cidade das Damas*, e com ele uma etapa importante da criação da Cidade das Damas, a qual é composta pelos “belíssimos palácios, residências e mansões [além das mais] nobres damas, de todas as condições sociais, das quais a Cidade está cheia.”<sup>167</sup> Portanto, nesse momento do texto de Christine de Pizan, a Cidade não é apenas uma intenção, uma sugestão de cidade a ser construída. A Cidade das Damas está quase terminada, próxima de sua totalidade, nesse momento já está sendo povoada pelas mulheres mais nobres, ilustres e de boa conduta. Lembrando que essa nobreza, na narrativa de Pizan, não se trata da nobreza de sangue, mas a nobreza de feitos e virtudes nobres. De acordo com a Dama Retidão, “aquelas que se desviaram do caminho, que se encontrem”, sendo assim, a Cidade das Damas não pertence a todas as mulheres, mas a qualquer mulher que alcançar o nível, estipulado pelas Damas, de virtudes e morais

---

<sup>164</sup> BLOCH, Marc. **Apologia da história**: ou o ofício de historiador. Zahar, 2002.

<sup>165</sup> KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**: contribuições à semântica dos tempos históricos. Trad. Wilma P. Maas, Carlos A. Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006. p.305-327.

<sup>166</sup> PIZAN, 2012. p. 293.

<sup>167</sup> Ibidem., p.292.

crístãs poderá entrar e fazer dela, sua morada. Ao terminarem a construção da Cidade Christine de Pizan saúda:

Nossa cidade está aqui construída e perfeita, na qual, com grande honra, todas vocês, que amam a glória, a virtude e a notoriedade, poderão hospedar-se; pois ela foi fundada e construída para todas as mulheres honradas – as do passado, as do presente e as do futuro.<sup>168</sup>

Os modelos utópicos e exemplos de utopia podem ser encontrados em diversos períodos históricos, da antiguidade aos dias de hoje. Na antiguidade têm-se exemplos em Homero e Hesíodo, como nos casos em que abordam as *Polis* grega, as cidades-estados, com suas leis e instituições, descrições das relações sociais valorizando uns aspectos sobre outros. Ou quando o poema relata em a *Odisséia*, os contatos de Odisseu com ilhas que possuíam características particulares, como o país dos soberanos Cíclopes, com suas terras férteis que tornavam desnecessário o trabalho humano para produzir frutos<sup>169</sup>. É possível encontrar elementos entre a cultura grega arcaica que perduram até o surgimento da cultura judaico-cristã, como por exemplo, se relacionarmos essas ilhas com o Paraíso.

Em *Os Trabalhos e os Dias* de Hesíodo, século VIII a. C., pode-se encontrar um pensamento utópico ligado ao tempo da perfeição, como em Homero. Um tempo em que os Deuses se relacionavam mais com os mortais, a Era de Ouro, o qual não é preciso cultivar a terra para conseguir alimentos. Entretanto, o texto de Hesíodo tem caráter moralizante, evidenciando isso com exemplos de punição dos Deuses aos mortais e outros Deuses, por traírem promessas ou acordos. Com a punição pelo roubo do fogo celeste por Prometeu aos mortais, em que Zeus libera na terra, através de Pandora, uma mulher, maldições que incluem guerra, fome e pecado. Hesíodo divide o tempo em eras, sendo a Era de Ouro uma terra de fartura em que não era necessário trabalhar. Na Era de Prata criam-se uma raça de humanos “muito inferior” e há uma necessidade em cultivar a terra e proteger os elementos da terra.<sup>170</sup>

Ao dirigir-se ao período Clássico da Antiguidade, é possível encontrar utopias ligadas ao pós-morte, como nos casos dos Campos Elísios, Ilha dos Abençoados,

---

<sup>168</sup> PIZAN, 2012. p. 338.

<sup>169</sup> JOLY, Fábio Duarte. As utopias grego-romanas. In: LOPES, Marcos Antônio; Et. al. (Orgs.) **Histórias de países imaginários**: variedades dos lugares utópicos. Londrina: Eduel, 2011. p. 21-34.

<sup>170</sup> CLAEYS, Gregory. **Utopia**: a história de uma ideia. Trad. Pedro Barros. São Paulo: Edições SESC SP, 2013. p. 17-18.

Valhala<sup>171</sup>, Terra Pura<sup>172</sup>, paraíso cristão ou islâmico, terras para onde iam passar toda a eternidade heróis e almas abençoadas. Com os filósofos Platão e Aristóteles, com seus textos, *República* e *Política*, respectivamente se tem um uso diretamente político para a utopia. Ambos teorizam sobre uma cidade ideal, uma forma de organização da *Polis* para atingir a excelência. Na República, o filósofo ateniense apresenta uma utopia construída por uma cidade ideal, a qual tem por regime político uma aristocracia, uma sociedade dividida em três classes, com divisões específicas entre elas. A classe da aristocracia tem a função de governar a cidade, recebem uma educação desde crianças para isso. Enquanto a classe dos guardiões, quem da mesma forma recebem treinamento desde criança para exercerem a função de proteger a cidade. Na terceira, a maior parte da população, estaria distribuída as funções de campesinato e comércio.<sup>173</sup>

Platão defende que a cidade ideal seja governada pelo sábio, pelo rei filósofo, semelhante ao que ocorre em *A Cidade das Damas* ao ser governada pela Virgem Maria, anunciada pela Dama Justiça. Platão defende que a classe guardiã governe os demais, abaixo do rei filósofo, e possua uma vida em comunhão de bens, esposas e filhos. Nessa existência comunal é necessário que evite a busca pela riqueza, pois levará a corrupção. Afirma em sua argumentação que os regimes “como oligarquia (governo pelos ricos), a timocracia (governo pelos militares) e a democracia, ou despotismo por demagogos populares, são fadados ao fracasso.”<sup>174</sup> Aristóteles, por sua vez, rejeitou a vida em comunhão proposta na utopia descrita por Platão, na *Política*, principalmente quando se trata de esposas e filhos. Para o filósofo isso não traria a unidade prometida. Contrário de Platão, Aristóteles defendia a propriedade privada, mas com o uso comum de bens, e uma educação para criar uma sensação de unidade durável.<sup>175</sup>

Platão também influenciou a maneira de como as pessoas viam o mundo físico e metafísico, a qual influenciará paulatinamente a Idade Média, através dos tempos. Para o filósofo a “realidade pode ser conhecida somente por meio de ‘formas’ ou de ideias puras, acessíveis somente à mente, e os objetivos materiais são meros reflexos dessas formas.”<sup>176</sup> Seriam dois mundos, o mundo inteligível, o qual pode-se atingir apenas através da mente, do intelecto. Neste mundo as formas são permanentes, eternas. Já em

---

<sup>171</sup> Lar de Odin, na mitologia nórdica, é o lugar de descanso para os guerreiros nobres heroicos mortos em batalha.

<sup>172</sup> Presente no taoísmo chinês, por vezes descrito como um lugar que não se conhece a dor.

<sup>173</sup> JOLY, 2011. p. 21-34.

<sup>174</sup> CLAEYS, 2013. p. 25.

<sup>175</sup> Ibidem. p. 25-26.

<sup>176</sup> Ibidem. p. 25.

relação ao mundo sensível, tem-se um mundo conhecido pelos sentidos, através da visão, tato, olfato, audição e paladar. Nele encontram-se as cópias, tentativas imperfeitas de reconstruir o que há de perfeito e eterno no mundo das ideias, o mundo inteligível. Portanto, seguindo seu pensamento, a Cidade das Damas estaria no mundo das ideias, dimensão espacial a qual permanecem as formas perfeitas e eternas.

Por sua vez, Santo Agostinho afirma que o inferno cristão é habitado apenas por malfeitores e seus torturadores. Em contrapartida, Agostinho escreve *A Cidade de Deus* (413-26), durante a queda do Império Romano, contrastando os males da Cidade do Homem e as virtudes da Cidade de Deus, a qual retoma a inocência, harmonia e paz apresentada no Jardim do Éden, o paraíso judaico-cristão terrestre, criado por Deus. Aqui, então, cria Adão e Eva, os primeiros seres humanos a habitarem a terra. Porém, ao desobedecerem as ordens divinas, comendo o único fruto proibido da árvore do conhecimento, Deus expulsa o primeiro casal do jardim. Para Agostinho, os males presentes na Cidade do Homem, resumiam-se na corrupção presente no Império Romano que provocara sua ruína. Esse confronto que Agostinho faz entre as duas Cidades é visto como indício da influência do maniqueísmo em sua formação intelectual.<sup>177</sup>

O surgimento de uma utopia está fortemente relacionado aos elementos presentes na sociedade que a criou, enquanto carências e/ou necessidades, as quais por sua vez resultam expectativas, projetando para o amanhã, para um futuro, ou mesmo para um lugar fora do tempo físico em que as pessoas possam de alguma maneira, ter acesso. Como exemplo disso se tem a *Cocanha*<sup>178</sup> materializado da transmissão oral em poemas traduzidos para a língua portuguesa e publicado no Brasil por Hilário Franco Junior.<sup>179</sup> Em sua obra o autor reúne alguns dos diversos poemas em que *Cocanha* é citada. Aqui segue *O fabliau* francês:

Escute agora quem está aqui./ Todos devem ser meus amigos/ E me honrar como seu pai./ Pois é correto e lógico que apareça/ A grande sabedoria que de Deus me deu./ Ante de conta/ O que vocês escutarão e/ Muitos os alegrará/ Não tenho muita idade, mas/ Nem por isso sou menos sábio./ [...] Ao aposto de Roma/ Fui pedir penitência./ Ele me enviou a uma terra/ Onde vi muitas maravilhas:/ Agora ouçam como são/ Os habitantes daquele país./ Creio que Deus e todos os santos/

<sup>177</sup> CLAEYS, 2013. p. 41-42.

<sup>178</sup> A primeira referência documentada a Terra da Cocanha, segundo Hilário Franco Junior, é de 1142, mas a maior difusão da lenda ocorreria nos séculos XVI-XVII, quando tiveram 12 variantes do texto na França, 22 na Alemanha, 33 na Itália e 40 em Flandres. Para essa pesquisa será limitado a esta versão francesa, pois o objetivo é apenas ilustrativo.

<sup>179</sup> FRANCO JUNIOR, Hilário. *Cocanha*: várias faces de uma utopia. Cotia, SP: Atêlie Editorial. 1998.

Abençoaram-na e sagraram-na mais/ Que qualquer outra região./ O nome do país é **Cocanha**;/ Lá, quem mais dorme mais ganha:/ Quem dorme até ao meio-dia/ Ganha cinco soldos e meio./ De barbos, salmões e sáveis/ São os muros de todas as casas;/ Os caibros lá são esturjões./ Os telhados de toicinho, /As cercas são de salsichas./ Existe muito mais naquela terra de delícias./ Pois de carne assada e presunto/ São cercados os campos de trigo;/ Pelas ruas vão se assando/ Gordos gansos que giram/ Sozinhos, regados/ Com branco molho de alho/ [...] Quatro páscoas tem o ano/ E quatro festa de São João./ Há no ano quatro vindimas,/ Feriados e domingos todo dia./ Quatro Todos os Santos, quatro Natais,/ Quatro Candelárias anuais,/ Quatro Carnavais,/ E quaresma, uma a cada vinte anos, [...]<sup>180</sup>

Na utopia da terra da Cocanha, Franco Junior, reconstitui o crescimento populacional da Europa ocidental durante os séculos XII, XIII e XIV, que manteve vivo o fantasma da fome, por diversos motivos, entre eles não ter produção de grãos suficiente para atender esse crescimento demográfico. No poema francês, encontra-se a multiplicação das festas, “Quatro Páscoas”, “Quatro Festas de São João”, “Quatro Todos os Santos”, “Quatro Natais”, “Quatro Carnavais”, “Feriado e domingo todo dia [...] E Quaresma, uma a cada vinte anos”, uma das maneiras de tentar reduzir psicologicamente a fome presente na maioria da população eram as festas religiosas. “As festas no seu sentido arcaico não era uma simples rememoração, mas um retorno ao fato festejado, uma re-atualização dele.”

Quando se estava no momento da festa se rompia o véu do tempo em encontro com a eternidade. “Festejar era sair do tempo profano, cotidiano, era entrar em outra dimensão temporal, projetar-se para além do passado e do presente histórico, adentrar um futuro idealizado” A tradição de comer e beber durante as festas medievais, conforme escreve Franco Junior., tinha o poder de prender seus festivos ao local que acontecia, portanto as dimensões temporais e espaciais se trançam no lugar que as festividades aconteciam. Porque “‘comemorar’ um fato não é apenas ‘lembrar-se dele (significado etimológico da palavra), mas, sobretudo vincular-se espiritualmente a ele, comer-e-orar.”<sup>181</sup> Assim como o verbo *converse*, tinha no francês do século XIII o sentido de “permanecer”, de “viver com” ao lado de “conversar”. Agora em festividades, essas ações de comer, beber e conversar sobre o tema da festa, as carências ou mesmo sobre a utopia, faz com que os sujeitos estejam vivenciando, revivendo e por seguinte presentificando a temporalidade da utopia, atualizando e vivendo com ela em seu espírito, através do mundo inteligível descrito por Platão. Para Gregory Claeys

<sup>180</sup> FRANCO JUNIOR, 1998. p. 19-32.

<sup>181</sup> FRANCO JUNIOR, Hilário. **As utopias medievais**. São Paulo, SP: Brasiliense. 1992. p. 28.



algumas das utopias medievais, como a Cocanha, têm como característica a renúncia ao processo crescente de urbanização, com o ressurgimento e crescimento das cidades. Essas utopias são “frequentemente apresentadas como um retorno ao primitivismo rural, com a moral sendo purificada conforme a necessidade é simplificada.”<sup>182</sup> Ou seja, de uma forma ou de outra, as cidades estão presentes ou aparentemente influenciam o surgimento do pensamento utópico.

A obra que torna amplamente conhecido o termo utopia a partir da modernidade tem em seu título o próprio conceito. *Utopia* (1516), de Thomas More, tem como “cidade ideal” uma ilha, a ilha de Utopia. Ao usar de princípios racionais, o autor divide a ilha em 54 cidades muradas de maneira idêntica, afastadas cerca de 38 quilômetros uma da outra. Suas ruas eram planas e tinham 6 metros de largura, grandes jardins realçando a natureza pública da propriedade. No pensamento utópico de More é possível perceber a descrição física da cidade, suas inovações tecnológicas e a inspiração racional para seu planejamento, porém, há a construção política convenientemente desenhada.

Por meio do texto, o autor realiza críticas à Inglaterra do século XVI, como a desordem social, fome e miséria, desigualdade na distribuição de riquezas, injustiça nas penas atribuída pelos tribunais e ambição desmensurada dos monarcas e conselheiros. Entretanto, a partir de More, a utopia inicia a ser recebida como um projeto imaginário impraticável, como um ideal impossível de ser alcançado. Pode-se observar isso na fala do autor: “Quanto a mim, – respondi, – não vejo as coisas desse modo. Parece-me que os homens, possivelmente, não poderão viver bem num lugar onde a posse de todas as coisas seja comum.”<sup>183</sup> Porém, o autor também argumenta que ainda que não posso atingir a totalidade de um projeto idealizado, não significa desistir dele e não buscar realizar alguma melhora, como é possível perceber no trecho a seguir:

Nos negócios públicos, nas deliberações dos príncipes, é a mesma coisa. Se não podeis extirpar pela raiz as más ideias; se não podeis corrigir males longamente praticados, tão completamente quanto julgais necessário; não é razão para desinteressardes pela nau do Estado e abandoná-la à tempestade, alegando ser impossível dominar o vento.<sup>184</sup>

---

<sup>182</sup> CLAEYS, 2013. p. 23.

<sup>183</sup> MORE, Thomas. **Utopia**. Trad. Anah de Melo Franco. Brasília: Editora Universidade de Brasília: Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais, 2004. p. 44.

<sup>184</sup> Ibidem., p. 39.

Mas afinal, o que seria uma Utopia? Etimologicamente a palavra *Utopia* tem origem grega, formada pelo prefixo *u*, que quer dizer “sem” no sentido de negação e do substantivo *topos*, que significa “lugar”<sup>185</sup>. Seria um *sem lugar*, mas não no sentido de não lugar. Utopia, em relação a sua composição grega, seria algo próximo de um não lugar físico, porém tem existência em uma dimensão espacial metafísica. Por isso, “sem lugar” ao invés de não lugar. Sendo assim, Utopia serve para cunhar um outro tempo que o cotidiano: nem passado, nem presente, nem futuro, mas todos reunidos, simultâneos. A utopia participa do mundo das ideias platônico e o tempo deste mundo é a eternidade. Rompendo, portanto, com a ideia de futuro que se tem hoje. Utopias medievais ou antigas não estão pensadas para o futuro, mas para o não tempo, ou para uma temporalidade que transcenda presente, passado e futuro. Quando, no tempo, inspira-se para se produzir socialmente uma determinada utopia? Varia-se de acordo com o tempo de seu surgimento, como já foi observado nos exemplos de utopia anteriormente. Sendo assim, uma utopia não está unicamente ligada à ideia de progresso, como se poderá ver com as discussões a seguir.

Nesse sentido, é necessário compreender o caminho que o conceito Utopia percorre no tempo para visualizar suas transformações. De acordo com Claeys em seu livro *Utopia a história de uma ideia*,

o conceito de utopia, ao longo dos tempos, é uma variação de um presente ideal, de um passado ideal e de um futuro ideal, e da relação entre os três. Todos eles podem ser míticos ou imaginários, ou ter algum fundamento real na história.<sup>186</sup>

O autor divide o pensamento utópico categoricamente em três maneiras, mítica, religiosa, positivista/institucional. Os dois primeiros tem uma forte relação com o pós-morte, enquanto o terceiro tem uma relação com a salvação em um futuro melhor. Com a modernidade, a terceira categoria ganha cada vez mais força, mesmo recebendo um forte ceticismo oriundo do liberalismo, por conta da utopia socialista amplamente difundida durante o final do século XIX e início do século XX. Ainda assim, o próprio liberalismo como Claeys afirma em si retrata uma “visão utópica da opulência

---

<sup>185</sup> MARTINS, Estevão Resende. **Utopia**: uma história sem fim. In: LOPES, Marcos Antônio; MOSCATELI, Renato. (Orgs.) Histórias de países imaginários: variedades dos lugares utópicos. Londrina: Eduel, 2011. p. 11.

<sup>186</sup> CLAEYS, 2013. p. 7.

universal, baseada na divisão do trabalho e no crescimento que permaneceu digna de crédito pelo menos um século, mas começou a não cumprir sua promessa.”<sup>187</sup>

Ao abordar a utopia socialista é necessário remeter-se a Paul Ricouer e seu livro *A Ideologia e a Utopia*, no qual suas aulas são transcritas em forma de capítulos. Nos capítulos de Utopia é possível encontrar interessantes contribuições ao debate sobre utopia, como a possibilidade da utopia ter, em certos casos, uma “conotação negativa, como quando ela é designada pelos representantes dominantes que se sentem ameaçados.”<sup>188</sup> Nesse caso, Ricouer está usando o exemplo contemporâneo de utopia socialista, enquanto ameaça para os grupos dominantes, dessa forma a utopia recebe um peso negativo, porém surge o obvio questionamento, negativo para quem?<sup>189</sup>

Ricouer enfatiza a diferente forma de utopias e suas características singulares, opondo-se de certa maneira a Claeys, anteriormente abordado. Ricouer diz que

as utopias (no plural) não se deixam reduzir facilmente a uma significação central que seria a da utopia (no singular). Isso decorre do fato de que as utopias específicas são o fruto de autores específicos.<sup>190</sup>

O autor, então, afirma que quando se tenta generalizar e buscar uma homogeneização do conceito de utopia, seus exemplos singulares provam-se serem difíceis de categorizar como fez Claeys em sua obra. Ainda que haja uma forte necessidade didática para tal procedimento, é necessário que se tenha a visão de que para uma profunda compreensão de uma utopia é necessário estudá-la individualmente para então perceber a permeabilidade que há das utopias nas sociedades através do tempo. Por isso *A Cidade das Damas*, que através dessa pesquisa busca-se comprovar que é uma utopia, tem suas características específicas que partem tanto do contexto em que ela foi escrita, quanto das características transmitidas à obra pela escritora Christine de Pizan. Principalmente, pelo fato dela ser uma mulher escrevendo sobre sua posição social de mulher na sociedade medieval francesa do século XIV-XV. Enquanto Ricouer busca apresentar em seu livro diferenças e semelhanças entre Ideologia e Utopia, Franco Junior em seu livro as utopias medievais, aproxima os dois conceitos. Alegando que

---

<sup>187</sup> Ibidem., p. 10.

<sup>188</sup> RICŒUR, Paul. **A ideologia e a utopia**. Trad. Silvio Rosa Filho e Thiago Martins. 1ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2015. p. 316.

<sup>189</sup> Como o objetivo dessa pesquisa não é abordar a utopia socialista, sendo assim opta-se em não aprofundar este ponto. Entretanto é importante perceber que compreende-se aqui a relação entre socialismo e capitalismo como um luta de classes, o que por consequência influencia a perspectiva dessa utopia enquanto negativa sob o ponto de vista da classe dominante.

<sup>190</sup> RICŒUR, Op. Cit., p. 317.

no seu processo de formação a ideologia parte da realidade imediata, mas lançando mão de uma visão global, histórica, da sociedade, enfatizando as deficiências do presente e as virtudes de um passado longínquo, idealizado, e de um futuro que se propõe a recuperá-lo e mesmo aperfeiçoa-lo. Daí, sem reconhecê-lo, toda ideologia ter forte carga utópica.<sup>191</sup>

O autor busca conceituar utopia entendida por uma expressão de desejos coletivos de perfeição, por abordar utopias medievais, acaba por definir enquanto o retorno a um passado primordial da humanidade, frequentemente ligado a uma situação mítica. Mas acima de tudo, fortemente organizados por momentos históricos, com o objetivo de ultrapassá-los, aqui o autor alega que a utopia confunde-se com a ideologia.<sup>192</sup>

Pensamento utópico não tem uma estrutura fixa, não pode ser conceituado a partir de um modelo padrão de utopia, o qual definiria categoricamente o que é e o que não é utopia. Entretanto, para ser uma utopia é necessário que atenda a algumas características. “A utopia é o discurso de um grupo, e não uma obra literária flutuando no ar”<sup>193</sup> Ou seja, para fazer parte do pensamento utópico é necessário que o projeto idealizado tenha relação direta com o pensamento social identificável, de um período e em um lugar. “As utopias (no plural) não se deixam de reduzir facilmente a uma significação central que seria a da utopia (no singular). Isso decorre do fato de que as utopias específicas são frutos de autores específicos.”<sup>194</sup> Nesse caso, ao analisar-se *A Cidade das Damas* de Christine de Pizan aproxima-se cada vez mais sua narrativa de produção da cidade com uma utopia, como encontra-se discutido através dos autores acima, sua utopia carrega elementos singulares mas também coletivos.

Para avançar na compreensão do pensamento utópico, propõe-se realizar uma análise sobre o tempo histórico e relaciona-lo com o pensamento utópico, no subcapítulo seguinte.

### **3.2. Entre experiências e expectativas: uma visão utópica**

De acordo com exemplos e análises apresentadas ao longo desse trabalho, observa-se que Christine de Pizan, em seu contexto histórico e enquanto agente histórica, produz a obra *A Cidade das Damas*, entre outras obras que se relacionam.

---

<sup>191</sup> FRANCO JUNIOR, 1992. p. 12.

<sup>192</sup> Os autores selecionados correlacionam Utopia e Ideologia, não se exclui a forte relação entre os dois conceitos, por isso é mantida essa discussão teórica, porém o conceito de Ideologia é intencionalmente menos analisado, por opção metodológica de foca-se no conceito de utopia.

<sup>193</sup> RICŒUR, 2015. p. 320.

<sup>194</sup> Ibidem., p. 316.

Constrói assim, uma literatura categorizada por Garretas enquanto *Ginecotopía*, anteriormente mencionada no segundo capítulo. Seria um espaço de mulheres com a forma de uma cidade, tendo caráter político de resistência à forma como as mulheres vinham sendo retratadas nas literaturas de até então. Pizan estava inserida em um campo de experiências onde as mulheres eram condenadas pelo simples fato de se nascer mulher.

Assim escreviam o clero e os intelectuais, as mulheres eram reconhecidas na sociedade enquanto o mal, o pecado. Por sua vez o ideal a ser alcançado para as mulheres era projetado na Virgem Maria. Maria, a mãe do filho de Deus, que concebe Jesus ainda virgem. Qual mulher poderia alcançar esta indicação? Quem, entre as mulheres poderia atingir o mesmo grau de Maria? Recorda-se quem na oração de Salve Rainha, à Virgem Maria, esta é a misericordiosa, ao mesmo tempo em que Eva tem os filhos degenerados. Portanto, as mulheres nos textos de intelectuais medievais são igualadas a Eva pecado desde o nascer e cobradas socialmente a conseguir se igualar a Virgem Maria. Pizan, por meio da Dama Justiça, busca legitimar sob a guarda de Maria a intemperança entre os homens de subjugar as mulheres, no seguinte trecho: “Excelentíssima Dama, tu que és a honra de nosso sexo, os homens não deveriam, uma vez que Deus escolheu-te por esposa, não apenas abster-se de criticar as mulheres, mas, ao contrário venerá-las com devoção?”<sup>195</sup>

Foi nesse contexto em que Christine de Pizan produz seu livro. Através da interpretação de Rüsen, de que há:

“saltos utópicos” por conta das carências presentes no cotidiano humano e de sua perspectiva de que o ser humano “articula [estas] carências, na expectativa de circunstâncias de vida nas quais desaparecessem as restrições à satisfação dessas carências”. Ou seja, o ser humano procura e é capaz de identificar em sua realidade insuficiências, deficiências, esterilidades ou privações de diversos elementos e estes são muitas vezes projetados em forma de utopias.<sup>196</sup>

Este distanciamento visto por Rüsen através dos saltos utópicos seria caracterizado por um desconhecimento ou impossibilidade de compreender um processo que parte da realidade vivida, (presente) para atingir uma realidade esperada, (futuro) através dessas expectativas. Pode-se interpretar impossibilidade, enquanto negação de Pizan em concordar com a “verdade” escrita pelos intelectuais medievais sobre as mulheres, gerando uma expectativa que a faz esperar por uma diferente realidade. Essa seria a

<sup>195</sup> PIZAN, 2012. p. 295.

<sup>196</sup> RÜSEN, 2010. p. 137.

sustentação teórica, arquitetada por Pizan, para chegar ao ideal de sua Cidade das Damas.

A utopia não pertence necessariamente a um lugar certo, nem mesmo inexistente. Uma vez a utopia pensada, ela existe no tempo e estará nesse lugar esperando para ser descoberta e vivenciada. Um lugar-tempo para onde todos os tempos fluem, um tempo ritual, um presente larguíssimo. Entretanto, compreende-se que utopia é um conceito moderno, não definido durante a escrita de Christine de Pizan. Em seu sentido moderno, como Estevão de Rezende Martins afirma, o conceito obtém um caráter ilusório, até mesmo impossível de ser alcançado. Segundo o autor, quando usada a natureza filosófica de utopia, eventualmente confunde-se a ilusão, por prevalecer um perfil de comportamento moral. Por sua vez, com o cunho histórico da utopia, analisa-se sua repercussão na sociedade e suas manifestações.<sup>197</sup> Por conta dessa intensa variação, Paul Ricœur chama a atenção para as controvérsias do conceito de utopia, ou no caso “as utopias (no plural) [que] não se deixam reduzir facilmente a uma significação central que seria a da utopia (no singular). Isso decorre do fato de que as utopias específicas são o fruto de autores específicos.”<sup>198</sup>

Com este impasse, é necessário analisar a relação história e utopia. A história existe por conta da relação entre o ontem, hoje e o amanhã, da mesma maneira a utopia tem, em sua composição, semelhantes relações. Para que o pensamento utópico seja reconhecido em um texto é necessário observar as experiências do passado latentes em seu presente, através da expectativa de um futuro que consiga romper com as carências que este grupo social, qual deu origem a utopia, considere importante. No caso da Cidade das Damas, esse campo de experiência é evidenciado, por Pizan, por meio da antologia de histórias de mulheres. Esta antologia manifesta-se no texto, como um campo de memória do passado, com o objetivo de legitimar o discurso da autora. Aqui, o pesquisador ou a pesquisadora da história, quem irá escrever a história, conta a estória de Christine de Pizan, que por sua vez é composta de estórias singulares, Ricouer sintetiza esta ideia da seguinte forma: “Há, de fato uma afinidade entre o gênero literário da utopia e a abordagem histórica. A história (*history*) conta a estória (*story*) das estórias singulares (*stories*).”<sup>199</sup>

---

<sup>197</sup> MARTINS, 2011.

<sup>198</sup> RICŒUR, 2015. p. 316.

<sup>199</sup> Ibidem., p. 317.

Essas “estórias” singulares, descritas por Pizan, por intermédio das Damas é proveniente de um passado situado em uma dimensão espacial, pois independente de serem experiências vividas ou não pelas mulheres, estão no imaginário comum da época. Ao serem reunidas pela autora, “para formar um todo em que muitos extratos de tempo anteriores estão simultaneamente presentes, sem que haja [necessariamente] referência de um antes e um depois.”<sup>200</sup> Porque quando se pensa nas experiências apresentadas por Pizan, estas saltam as temporalidades para formar um amalgama que afirma-se aqui, ser uma utopia. Não somente uma simples utopia, mas uma utopia para as mulheres. Parra Garretas, talvez, esta seria a função do conceito de *Ginecotopia*, sendo um tipo específico de utopia, em que se constrói, imageticamente, uma cidade, a qual somente mulheres poderão entrar, hoje e por toda a eternidade. Garantindo-se dessa forma a segurança física e psicológica de suas moradoras, uma vez que nenhum homem poderá atravessar seus portões, nem seus muros, pois o material usado para construir a cidade é todo feito de virtude.

[...] todas as santas que existiram, que existem e que existirão, todas poderão encontrar um lugar nesta Cidade das Damas, sobre a qual qualquer poderia se dizer: “*Gloriosa dicta sunt de te, civitas Dei!*” Eis, então, tua Cidade perfeita, fortificada e bem segura, como te havia prometido. Agora te digo adeus, que a paz do Senhor esteja constantemente contigo!<sup>201</sup>

Enquanto isso, no horizonte surge um novo campo ainda a ser experienciado, este campo é ilustrado na Cidade das Damas por meio de suas moradoras e das demais características políticas apresentadas pelas Damas em seus diálogos, como funções dos muros da cidade em garantir a segurança da cidade. Pizan não escreve sobre como será a cidade após o término de sua construção e povoamento. Exceto que a cidade servirá de morada a todas as mulheres, que dali em diante, quiserem usá-la como morada, daquele momento para todo o sempre.

A partir de agora, minhas damas, terai do que se alegrar, de modo honesto, sem ofender Deus, ao ver terminada essa Cidade que poderá ser, se a conservardes bem, não só um refúgio para vós todas, senhoras de virtudes, mas uma fortaleza para vos defender dos ataques de vossos inimigos.<sup>202</sup>

A *Cidade das Damas*, enquanto utopia, “é a tensão entre a experiência e a expectativa que, de uma forma sempre diferente, suscita novas soluções, fazendo surgir

---

<sup>200</sup> KOSELLECK, 2006, p. 311.

<sup>201</sup> PIZAN, 2012. p. 338.

<sup>202</sup> Ibidem., p.338.

o tempo histórico”<sup>203</sup> A cada momento que uma pessoa ler ou reler o livro da Cidade das Damas, estará rompendo os véus do tempo, criando uma confluência entre as diferentes temporalidades, manifesta na obra, que criarão uma ruptura temporal, a qual levará o/a leitor/a para fora do tempo físico, o tempo cotidiano, permanecendo nesta dimensão espaço-temporal que é a utopia, cognoscível apenas ao mundo inteligível. Assim, o/a leitor/a, estará em comunhão na forma de comemoração, no sentido de revisitar em oração, e em contato com Christine de Pizan, gerando, portanto, um novo horizonte de expectativa no interior de cada ser humano.

Assim sendo, seguindo o raciocínio de Koselleck ao indicar que

só quando se é capaz de abarcar uma grande sequência [temporal] com um único olhar, e não se toma tudo ao pé da letra nem procura confundir de forma petulante, só então é que ‘se chega a perceber a ligação secreta entre o antigo e o futuro, e se aprende a compor a história a partir da esperança e da recordação’<sup>204</sup>

Christine de Pizan em suas obras adquire essa noção de sequência temporal, resultando em sua Cidade das Damas uma construção imagética, e através de seu livro sistematiza as carências vivenciadas pelas mulheres em seu tempo para criar um “salto utópico” de um lugar em uma dimensão espacial ideal, onde as mulheres podem viver protegidas. Índícios dessa proposta idealizada encontram-se nas últimas páginas de seu livro, quando Christine orienta a todas as mulheres como se comportar perante as adversidades da vida social.

Enfim, todas vós, senhoras, damas de grande, média e humilde condição, antes de qualquer tende cuidado sede vigilantes para vos defender contra os inimigos de vossa honra e de vossa virtude. Vede, minhas damas, como de toda parte esses homens vos acusam dos piores defeitos! Desmascarai suas imposturas pelo brilho de vossa virtude; fazendo o bem, convencei que todas essas calúnias são mentiras. Assim, poderei dizer com o salmista: A culpa dos maus cairá sobre suas cabeças! Tende repulsa aos hipócritas bajuladores que procuram tomar-vos, com seus discursos envolventes e por todas as armadilhas inimagináveis, vosso bem mais preciso, quer dizer, vossa honra e a excelência de vossa reputação! Oh! Fugi, senhoras, fugi da louca paixão que eles exaltam a vosso lado! Fugi dela! Pelo amor de Deus, fugi! Nada de bom pode acontecer; pelo contrário, tende certeza de que mesmo se a brincadeira parece divertida, sempre se voltará a vosso prejuízo. Não vos deixei persuadir-vos, caras amigas, como esses homens acusam-vos de fragilidade, de leviandade e de inconstância, o que não os impede de utilizar as armadilhas mais

<sup>203</sup> KOSELLECK, 2006. p. 313.

<sup>204</sup> KOSELLECK, 2006. p. 308. Apud. ROBESPIERRE. *Oeuvres complètes*, org. M. Bouloiseau, Paris, 1958, t. IX, p. 495.



sofisticadas e se esforçarem, com mil maneiras, para seduzir-vos, a pegar-vos como fazer com tantos bichos em suas redes! Fugi, senhoras, fugi! Evitai essas amizades, pois sob o riso pode se esconder o veneno mais amargo, e que leva à morte.<sup>205</sup>

Essa construção assemelha-se a de Platão enquanto mundo inteligível e cidade ideal. Segue orientações de passado glorioso como o do paraíso judaico-cristão, como o jardim do Éden, quanto ao fato de estar vivendo em um lugar onde não é preciso trabalhar, como a era de ouro em Hesíodo. Ou seja, as utopias clássicas e medievais. Mas, *A Cidade das Damas*, relaciona-se às utopias ligadas a um futuro, ligadas a expectativa de progresso no horizonte do tempo. Após esta análise realizada, seria possível afirmar que *A Cidade das Damas* é uma Utopia de Transição?

---

<sup>205</sup> PIZAN, 2012. p. 341.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em *A Cidade das Damas* Christine de Pizan descontrói, parcialmente, essa representatividade deturpada e por muito tempo escrita sobre as mulheres. A fonte nos apresenta diferentes mulheres, que por diferentes motivos foram subjugadas, caluniadas, condenadas e mortas pelos mais variados motivos. Tudo isso organizado em livro escrito por uma mulher, por meio de uma narrativa bastante comum em seu contexto histórico, e ainda assim, uma perspectiva bastante racional.

Como uma mulher viúva, escritora, consegue perceber em seu contexto históricos tais carências e propor uma obra que articula estas carências na perspectiva de construir uma cidade utópica, ou não, para estas distintas mulheres? Como se pode observar ao longo da pesquisa, apresentadas nos capítulos acima, Christine de Pizan cresce em um contexto social que lhe favoreceu com o letramento e oportunidade de leituras importantes para uma erudição, a ponto de tornar-se uma intelectual medieval. Ainda não fosse comum uma mulher ocupar este papel, por pressões sociais da função social das mulheres enquanto submissas de seus senhores e maridos, Pizan destacou-se por necessidade de produzir renda para a família e por manter contatos com a nobreza e burguesia em ascensão da época. Sua situação de jovem viúva, provavelmente potencializou os sintomas, os quais, a maioria das mulheres de seu grupo social passava. Porém, sua formação intelectual lhe proporcionou realizar certos questionamentos. Por sua vez, sua influência humanista italiana, por meio de Boccaccio, contribuiu para o desenvolvimento de sua escrita, construindo assim *A Cidade das Damas*.

Inferiu-se que as inquietações, presentes na fonte dessa pesquisa, com relação ao tratamento que diversos autores expressavam, ao abordarem a função social e conduta das mulheres, foi o que estimulou a produção intelectual de Christine de Pizan. Principalmente ao compreender as relações de poder entre os intelectuais medievais e suas respectivas atribuições de mulher na Idade Média. Sendo assim, Pizan construiu-se em seus livros enquanto uma intelectual, pois não havia um caminho nas universidades da época para que uma mulher pudesse formar-se enquanto erudita ou agente pensante das carências sociais. Sua *Persona Publica*, foi construída gradativamente, livro após livro, em um processo longo de legitimação de Christine de Pizan como uma mulher escritora. Esse processo, sem dúvida, teve certa legitimidade pela posição social, a qual, Pizan fazia parte, mas, não teve a mesma legitimidade que seus contemporâneos homens não nobres.

Em contraposição a esses homens, observa-se a manifestação de Christine de Pizan, garantindo uma voz destoante, de resistência e que tivesse concordância com seus sentimentos enquanto mulher. A *Vontade de Verdade*, a qual se aborda na pesquisa, é essa necessidade da autora na procura de mulheres honestas, honrosas e que realizaram grandes feitos durante a história, em lendas ou mitologias, e contrapõe com a “verdade” que se reproduzia entre os moralistas cristãos, que reduziam as mulheres a pecadoras por nascença, filhas de Eva. Somando-se a essa visão moralizante, foi analisada também a idealização, em meados do século XIII, da valorização mariana. A qual projetava expiação dos pecados e buscava alcançar um perfil, racionalmente inalcançável de Maria, virgem e mãe de Jesus, e esposa de Deus. Para que a legitimação aconteça no processo literário, a autora opta pela utilização de Damas das virtudes de Deus; Dama Razão, Dama Retidão e Dama Justiça, apresenta enquanto alegorias para relatar essas histórias e construir um lugar no mundo inteligível em que essas mulheres pudessem se sentir protegidas de alguma maneira.

A pesquisa apresentou as Damas de Pizan de duas formas, a primeira foi descritiva, acompanhando os diálogos entre Christine personagem e cada Dama. No segundo momento foi utilizada uma forma analítica para compreendê-las enquanto alegorias. Para que isso ocorresse, foi necessário buscar compor o cenário intelectual francês contemporâneo a Pizan. Era notório, a partir de pesquisas anteriores, que Christine de Pizan participou da *Querelle des Femmes*, movimento de debate intelectual que discutiu o papel das mulheres na sociedade, que foi composto por diversos intelectuais europeus. O episódio em que Pizan participou ficou conhecido enquanto *Querelle de Roman de la Rose*, que debateu, através de livros, cartas, epístolas e outros instrumentos literários, o papel das mulheres na sociedade de então. Entre seus trabalhos, Pizan desenvolveu o que está apresentado na pesquisa enquanto, *Persona Publica*, uma construção literária que contribuiu na legitimação de Christine enquanto personagem das obras, para reforçar seu discurso dissidente das principais obras masculinas de intelectuais cristãos moralizantes.

As Damas, ao se apresentarem enquanto Razão, Retidão e Justiça, foram analisadas nesta pesquisa como figura retórica, alegorias que ficam entre a metonímia e a antonomásia. A palavra razão não é utilizada no seu contexto semântico regular, com o significado de faculdade intelectual. Seguindo o mesmo sentido, retidão e justiça não tem uma relação objetiva com o seu significado. Entretanto, a prática de cada uma das Damas estava diretamente ligada ao significado semântico. Por isso foi considerada uma

autonomia, o que substitui o nome do objeto por um termo ou adjetivo que sugira ou explique suas características. Isso tudo, considerando a valorização das alegorias para o processo didático do contexto medieval, essa pesquisa inferiu, conseqüentemente, as alegorias das Damas e seus diálogos enquanto um processo de confluência espaço-temporal.

A construção da cidade, por meio dos diálogos entre Cristine e as Damas, tem realidade metafísica, atingindo a esfera do mundo inteligível de Platão, o mundo das ideias. A cada história contada por uma das Damas, os estratos do tempo oscilam-se compondo diferentes ordenações temporais. Essas ordenações, no ato da leitura, rompem com os véus do tempo, transportando quem o lê para a Cidade das Damas, vivenciando assim, um arranjo espaço-temporal fora do tempo cotidiano. Por entre os diálogos, cada elemento da cidade foi sendo construído, cada fundamento, cada pedra, cada muro e cada torre. Cada pessoa que é convidada a residir na Cidade das Damas vem a contribuir para sua legitimidade, tornando-a assim a cidade mais forte e perene.

Portanto, *A Cidade das Damas*, de Christine de Pizan é uma utopia. Como toda utopia, era movida pelo desejo e pela esperança de fazer parte dela, nesse mundo inteligível, tão real quanto o mundo físico. Porém, sua realidade está no ato de se apoderar dele, apropriando-se imageticamente de sua existência através da leitura da obra ou do conhecimento através da transmissão oral da utopia. Essa utopia é expressamente constituída para as mulheres, pois são apenas elas que podem fazer parte das residentes de sua morada. Não há em nenhum momento, na obra de Pizan, referência sobre qualquer acesso à cidade a algum homem. O que não impede os homens a reconhecerem-na enquanto uma utopia. Porém, para os homens há apenas o olhar externo, não podendo compor a lista de residentes nem mesmo auxiliar de alguma maneira na sua construção.

Todo momento cotidiano da história é um momento transitório, entre o ontem e o amanhã, entre o antes e o depois, entre o passado e o futuro. Desse modo, qualquer utopia poderia ser considerada de transição. Todavia, durante esta pesquisa foi observado características específicas para as Utopias Clássicas, para as Utopias Medievais e para as Utopias Modernas. Por exemplo, ao processo de construção da Cidade das Damas de Pizan, metaforicamente, aconteceu por meio da recuperação de histórias passadas ou memórias idealizadas, para a obtenção de um lugar na eternidade, o que remete as utopias clássicas ou medievais. As utopias modernas, futuristas ou socialistas são pensadas para este mundo, como um projeto em construção a ser

implantado, que garanta mudanças sociais ao cotidiano das pessoas neste mundo, o mundo físico, o mundo sensível. Christine de Pizan, ao produzir o livro *A Cidade das Damas*, não se limita a uma literatura ficcional ou histórica, escreve também sobre elementos da realidade presente em seu cotidiano. Ela critica a moral cristã de intelectuais medievais sobre as mulheres, por sua vez, causa reflexões e deseja mudança social a essa moral. Pizan cria uma Cidade, a qual afirma estar sendo construída neste mundo, portanto não quer que a Cidade das Damas permaneça para a eternidade no mundo das ideias. Esta Cidade das Damas será um lugar para que todas as mulheres do presente e do futuro possam nela encontrar morada, ou seja, aponta para um futuro em construção, a ser implantado, melhorado. Christine de Pizan acredita em uma sociedade melhor.

## REFERÊNCIAS

### FONTES

ANÔNIMO. O *fabliau* francês. In: FRANCO JUNIOR, Hilário. **Cocanha**: várias faces de uma utopia. Cotia, SP: Atêlie Editorial. 1998.

AQUINO, Santo Tomas de. **Suma de Teología I**: Parte I. (Damián Byrne, O. P.), Cuarta Edición, Madri: Biblioteca de Autores Critianos, 2001.

BOCCACCIO, Giovanni. **Decamerão**. Torrieri Guimarães (trad.), São Paulo, SP: Círculo do Livro, 1986. 656 p.

BRAGA, Martinho de. **De correção dos rústicos (576 d.C.)**. Trad. Fernando Gil; Ricardo Corleto. Argentina: Pontificia Universidad Católica Argentina, 1998-1999.

CHAUCER, Geoffrey. **Contos da Cantuária**. Editora Companhia das Letras, 2013.

MARIA DE FRANÇA. **Lais de Maria de França**. Antônio Furtado e Marina Colasanti (trads.). Petrópolis: Vozes, 2001. 155 p.

MORE, Thomas. **Utopia**. Trad. Anah de Melo Franco. Brasília: Editora Universidade de Brasília: Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais, 2004.

PISAN, Christine de. **A Cidade das Mulheres**. Ana Nereu (trad.) Lisboa: Coisas de Ler, 2007. 142 p.

PIZAN, Christine de. **A Cidade das Damas**. Luciana Eleonora de Freitas Calado Deplagne (trad.), Florianópolis: Editora Mulheres, 2012. 350 p.

\_\_\_\_\_, Christine de. et al.. **Debate of The Romance of the Rose**. Trad. David F. Hult. Chicago: The University of Chicago Press., 1992.

### BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Ana Carolina Lima. **A exemplaridade nas representações do feminino no final da Idade Média**: O exemplo de Decamerão e do De Mulieribus claris de Boccaccio (Florença - século XIV). 2009. 233 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-graduação em História, Departamento de Centro de Estudos Gerais, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2009.

AMOR, Lidia. **Trazos femeninos en la historia intelectual francesa de la Edad Media tardía**: La literatura didáctica y la legitimación del yo en Le chemin de longue étude de Christine de Pizan. Feminine strokes in French intellectual history of the late Middle Ages. De Medio Aevo, v. 1, n. 1, p. 145-158, 2013.

BASCHET, Jérôme. **A civilização feudal**: do ano 1000 à colonização da América; trad. Marcelo Rede; São Paulo: Globo, 2006.

BLOCH, R. Howard. **Misoginia medieval e a invenção do amor romântico ocidental**. Trad. Claudia Moraes. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

BROCHADO, Cláudia Costa. **A querelle des femmes**. Textos de História. Revista do Programa de Pós-graduação em História da UnB, v. 9, n. 1-2, p. 31-51, 2001.

CALADO, Luciana Eleonora de Freitas. **A Cidade das Damas**: a construção da memória feminina no imaginário utópico de Christine de Pizan. 2006. 368 f. Tese (Doutorado) - Curso de Teoria Literária, Departamento de Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006.

\_\_\_\_\_, Luciana. **Saboreando o saber**: a aventura intelectual de Christine de Pizan no seu “Caminho de Longo Estudo”. 2010. Disponível em: <<http://www.uesc.br/seminariomulher/anais/PDF/LUCIANA%20ELEONORA%20DE%20FREITAS%20CALADO.pdf>>. Acesso em 3 de outubro de 2016.

CHANCE, Jane. **The literary subversions of medieval women**. United State of America: Palgrave Macmillan, 2007.

CHARTIER, Roger. **O que é um autor?** Trad. Luzmara Curcino; Carlos E. de Oliveira Bezerra. São Carlos: EdUFSCar, 2012.

CLAEYS, Gregory. **Utopia**: a história de uma ideia. Trad. Pedro Barros. São Paulo: Edições SESC SP, 2013.

DA SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão. **Reflexões sobre o paradigma pós-moderno e os estudos históricos de gênero**. Brathair-Revista de Estudos Celtas e Germânicos, v. 8, n. 2, 2008.

DEPLAGNE, Luciana Eleonora de F. C.. **A reescrita do mito das amazonas na obra A Cidade das Damas de Christine de Pizan**. Anuário de Literatura, Florianópolis, v. 18, n. esp. 1, p.115-136, 2013.

DUBY, Georges. **As Três Ordens**: ou o imaginário do Feudalismo. Trad. Maria Helena Costa Dias. 2ª Ed. Lisboa: Estampa, 1994.

\_\_\_\_\_, Goerges. **Idade Média, Idade dos Homens**: Do amor e outros ensaios, Trad. Jônatas Batista Neto. São Paulo: Companhia das Letras. 2009.

ECO, Umberto. **Arte e Beleza na Estética Medieval**. Trad. Mario Sabino Filho. Rio de Janeiro: Record, 2010.

FONSECA, Pedro Carlos Louzada. **Christine de Pizan e a apologia da mulher**: diálogo e reavaliação crítica de fontes tradicionais da misoginia medieval. Série Estudos Medievais Intertextualidades, Salvador, n. 4, p. 103-119, 2015.

FOUCAULT, Michel. **Ordem do discurso**. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. 24ª Ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

FRANCO JUNIOR, Hilário. **A Idade Média, nascimento do ocidente**. 5ª reimp. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense. 2006.

\_\_\_\_\_, Hilário. **As utopias medievais**. São Paulo, SP: Brasiliense. 1992.

GARRETAS, María-Milagros Rivera. **Mujeres en Relación**: Feminismo 1970-2000. Barcelona: Icaria. 2ª Ed. 2003.

GOMES, Josiene Laurentino. **A estética das virtudes**: a relação entre beleza e virtude na obra *A Cidade das Damas* de Christine de Pizan. 2014. 41 f. Monografia (graduação), UNB, Brasília, DF, 2014.

JULIANI, Talita Janine. **Sobre as Mulheres Famosas (1361-1362) de Boccaccio**: Tradução Parcial, Estudo Introdutório e Notas. 2011. 286 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Linguística, Departamento de Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.

KOSELLECK, Reinhart. **Estratos de tempo**: estudos sobre história. Trad. Markus Hediger. Rio de Janeiro: Contra-ponto: PUC-Rio, 2014.

\_\_\_\_\_, Reinhart. **Futuro passado**: contribuições à semântica dos tempos históricos. Trad. Wilma P. Maas, Carlos A. Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.

LE GOFF, Jacques; GOLDWASSER, M. J. **Os intelectuais na idade média**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean Claude. **Dicionário temático do ocidente medieval**. Trad. Hilário Franco Junior. Vol. 2. Bauru, SP: Edusc, 2006.

LEITE, Lucimara. **Christine de Pizan**: uma resistência na aprendizagem da moral de resignação. 2008. 228 f. Tese (Doutorado) – Curso de Línguas e Literatura Francesa e Estudos Medievais, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP. São Paulo, SP, 2008.

LOPES, Marcos Antônio; MOSCATELI, Renato. (Orgs.) **Histórias de países imaginários**: variedades dos lugares utópicos. Londrina: Eduel, 2011.

MACEDO, José Rivair. **A Mulher na Idade Média**. 5. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2002. 108 p. (Repensando a História)

MACHADO, Thalita S.. **A Mulher e a escrita no cotidiano medieval**: Christine de Pizan (Séc. XV). In: Congresso de Pesquisa, Ensino e Extensão, 10, 2013, Goiás. Anais. Goiania. 2013. p.8796-8810.

NERI, Christiane Soares Carneiro. **Feminismo na Idade Média**: conhecendo a cidade das damas. Revista *Gênero & Direito*, v. 2, n. 1, p. 68-85, 2013.

NOGUEIRA, Maria Simone Marinho. **A escrita feminina medieval**: mística, paixão e transgressão. *Mirabilia: electronic journal of antiquity and middle ages*, n. 17, p. 153-173, 2013.

PEDRO, J. M. **Traduzindo o debate**: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. *História*, v. 24, n.1, p.77-98, 2005.

PIERONI, Geraldo. **Entre Deus e o Diabo**: santidade reconhecida, santidade negada na Idade Média e Inquisição portuguesa. Geraldo Pieroni (org.). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

RICŒUR, Paul. **A ideologia e a utopia**. Trad. Silvio Rosa Filho e Thiago Martins. 1ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.



RUBIN, Anderson Cardoso. **Razão, retidão e justiça**: a questão do conhecimento em A cidade das damas de Christine de Pizan. 2014. 49 f. Monografia (graduação), UNB, Brasília, DF, 2014.

RUCQUOI, Adeline. **La Mujer en la Edad Media**. História, n.16, 1978. Disponível em: <<http://www.geocities.com/urunuela33/rucquoi/mujermedieval.htm>> acesso em 20 novembro 2005.

RUCQUOI, Adeline. **La mujer medieval**. Madrid, España: Historia 16, 1995.

RÜSEN, Jörn. História viva. **Teoria da História III**: formas e funções do conhecimento histórico. Tradução Estevão de Rezende Martins. Brasília: Editora UnB, 2007.

SCHMIT, Jean-Claude. **O corpo das imagens**: ensaios sobre a cultura visual na Idade Média. Trad. José Rivair Macedo. Bauru, SP: Edusc, 2007.

SCOTT, Joan W. et al. **Os usos e abusos do gênero**. Projeto História. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, v. 45, 2012.

SCOTT, Joan. **Gênero**: uma categoria útil para análise histórica. Tradução: Christiane Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila. 1990.

SILVEIRA, Aline D.. **Relação corpo, natureza e organização sociopolítica no Medievalo**: revelação, ordem e lei. In: NODARI, Eunice S.; KLUG, João. (Orgs.). História ambiental e migrações. São Leopoldo: Oikos. 2012. p. 151-166.

SMITH, Bonnie G., **Gênero e História**: homens, mulheres e a prática histórica; Trad. Flávia Beatriz Rossler. Bauru, SP: EDUSC, 2003.

TRECCANI. Istituto dell'Enciclopedia Italiana. **Ginèco**. Giovanni Treccani S.p.A. 2011. Disponível também online: <<http://www.treccani.it/vocabolario/gineco>> Acesso em: 21/10/2016.

TROCH, Lieve. **Mística feminina na Idade Média**: Historiografia Feminista e Descolonização das Paisagens Medievais. Revista Graphos, v. 15, n. 1, 2013.

VICKI, León. **Mulheres audaciosas da Idade Média**. Trad. Marita Fornos de Magalhães. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1998.

WUENSCH, Ana Míriam. **O que Christine de Pizan nos faz pensar?**. Revista Graphos, v. 15, n. 1, 2013.